

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA-LICENCIATURA

FRANCIELE DA ROSA LIDÓRIO

**SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA PARA TRABALHAR COM ALUNOS PORTADORES DE DÉFICIT DE
ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)**

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2011

FRANCIELE DA ROSA LIDÓRIO

**SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA PARA TRABALHAR COM ALUNOS PORTADORES DE DÉFICIT DE
ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Elisa Fátima Stradiotto

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2011.

FRANCIELE DA ROSA LIDÓRIO

**SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA PARA TRABALHAR COM ALUNOS PORTADORES DE DÉFICIT DE
ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof^a. Msc. Elisa Fátima Stradiotto

Criciúma, 29 de Novembro de 2011

Banca Examinadora

Prof.^a Elisa Fátima Stradiotto – Mestre – (UNESC) - Orientador

Prof. José Orion Bonotto – Especialista – (UNESC)

Prof^a. Mirozete Iolanda Volpato Hanoff – Especialista – (UNESC)

Dedico este trabalho, ao meu namorado e a todas as pessoas que fazem parte da minha família vô, vó, pai, mãe, irmão e etc., pois sempre me ensinaram a cultivar o valor de ser e de se ter uma família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as vezes que estive ao meu lado não me deixando em momento algum desanimar dos meus sonhos e objetivos. Agradeço a Deus também por me dar o grande dom de ser uma **Educadora**, e perceber ao longo destes anos a importância desta profissão para o desenvolvimento da cidadania, por mais sacrifícios que ela tenha o grande benefício de ser educador é ter a capacidade de “sair de cena, sem sair do espetáculo”.

Agradeço à minha família, por todo embasamento de amor, união, paciência, compreensão, confiança e principalmente por me fazerem ver o quanto ter e ser família é significativo. E principalmente ao meu irmão que me fez ver e perceber o outro lado da educação e da aprendizagem.

Ao meu falecido avó José Antônio Lidório seu “Juca Tunico”, como era conhecido entre amigos e parentes (ex-combatente) que mostrava ser um eterno apaixonado pela profissão e pela família do qual se orgulhava muito pelo tempo que estive em combate, em meio as suas histórias e sua trajetória de vida ele despertou em mim a vontade de fazer com que minha vida também valesse a pena sendo igualmente apaixonada pela vida.

Agradeço também ao meu namorado Felipe (o Bem), pelo amor, pelo carinho, pelo apoio, pela dedicação e pelo incentivo constante durante estes anos me aturando nas horas boas e ruins.

Um muito obrigada especial à professora MSc. Elisa Fátima Stradiotto pelo aprendizado e dedicação em todo decorrer deste trabalho e, sobretudo, pelas palavras de incentivo e confiança na minha capacidade. Também a todos os professores que passaram ao longo da graduação e me proporcionaram o enriquecimento cultural.

Quero agradecer também a todos meus amigos e colegas da turma, em especial, a “panela de pressão” que protagonizaram, durante estes quatro anos história com muita alegria, cooperação, amizade e até brigas, deixando grandes marcas em minha vida.

A todos estes dedico o meu carinho, admiração e gratidão!

Ser educador...

Ser educador é professar a fé e a certeza de
Que tudo terá valido a pena se o aluno sentir-
se feliz

Pelo que aprendeu com você e pelo que lhe
Ensinou...

Ser educador é consumir horas e horas
pensando

Em cada detalhe daquela aula que, mesmo
ocorrendo

Todos os dias, a cada dia é única e original...

Ser educador é entrar cansado numa sala de
aula e,

Diante da reação da turma, transformar o
cansaço

Numa aventura maravilhosa de ensinar e
aprender...

Ser educador é importar-se com o outro numa
Dimensão de quem cultiva uma planta muito
rara que

Necessita de atenção, amor e cuidado.

É apontar caminhos, mas deixar eu o aluno
caminhe com seus próprios pés.

(SANTO ANÍBAL MARIA DI FRANCIA)

RESUMO

Diante do interesse em investigar como estão os saberes docentes dos professores de educação física em relação aos alunos que possuem déficit de atenção e hiperatividade, surgiu à idéia de realizar uma pesquisa que aborda o seguinte o tema: saberes docentes necessários aos professores de educação física para trabalhar com alunos portadores de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). As razões pela qual levou a pesquisadora a estudar este tema foi à idéia que a escola é um lugar onde possuem varias individualidades, diferenças físicas e psicológicas, exclusões, valores, culturas trazidas por cada aluno, surgindo então em meio ao âmbito escolar varias criações, produções, e reproduções de cultura, de valores, lugar de grandes encontros, tensões, conflitos, preconceitos. Onde é baseada em uma determinada metodologia que resulta naquilo que cada um dos seus sujeitos faz dela (professores, pais, alunos, funcionários, etc.). Este trabalho caracteriza-se por uma pesquisa de campo descritiva com recorte qualitativo, que envolve diretores, professores e pais localizados no município de Içara - SC. Para o estudo foram utilizados três questionários, um para os diretores, um para os professores e um para os pais, tendo como ponto de partida para este tema o problema: Quais são os saberes docentes dos professores de Educação Física e dos pais em relação ao Déficit de atenção e hiperatividade? Estabeleceu-se como objetivo geral para nortear o estudo: Analisar quais são os conhecimentos que os Professores de Educação Física têm-se sobre o Transtorno de Déficit de atenção e Hiperatividade. Os objetivos específicos estão assim delineados de forma a: Verificar como age o professor com o aluno portador de déficit de atenção e hiperatividade das series iniciais do ensino fundamental; Verificar como que os professores se relacionam com esses alunos das series iniciais do ensino fundamental; Verificar os problemas e as dificuldades que apresentam as crianças com TDAH no âmbito escolar. Sua fundamentação teórica, está constituída de três capítulos e sub-capítulos, sendo subsidiada por vários autores como: Cypel (2003), Rohde e Benczick (1999), Bracht (1997), Freire e Shor, (1996), Kunz (2001), entre outros, na metodologia constam três categorias, que estão divididas em categoria A, B e C, onde ali teremos um dialogo com os professores os diretores os pais e a pesquisadora sobre o estudo pesquisado.

Palavras-chave: Educação Física. Déficit de atenção e hiperatividade. Crianças. . Diretores. Professores. Pais

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE E SEUS SINTOMAS.....	11
2.1 Fatores e as causas do TDAH	13
2.2 Como tratar o Transtorno de Déficit de Atenção e hiperatividade (TDAH)	14
2.3 Relacionamentos de pais, escola, professores e a criança com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade	16
2.3.1 Aos pais.....	17
2.3.2 Na escola	20
3 SABERES DOCENTES: RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO	24
3.1 Educação física no ensino fundamental das series iniciais	28
3.2 Educação Física na Educação Inclusiva	31
4 TENDÊNCIAS CRITICO-EMANCIPATORIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	35
4.1 Como trabalhar a Educação Física através a Tendência Crítica Emancipatória: As Competências e as Transcendências	37
5 METODOLOGIA.....	43
5.1 Tipo de Pesquisa.....	43
5.2 População dos Sujeitos Pesquisados.....	43
5.3 Amostra	44
5.4 Instrumento de Dados e sua Operacionalidade	44
5.4 Categorias	45
CATEGORIA A.....	46
CATEGORIAS B	52
CATEGORIA C.....	56
6 CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS	65
APENDICE A.....	68
APENDICE B.....	69
APENDICE C	73

1 INTRODUÇÃO

A infância é o momento crucial do desenvolvimento humano, é nesta fase que muitos comportamentos e atitudes são manifestados de forma previsível e regular. Segundo Pacheco (2007), a criança é um ser em desenvolvimento invariável e por este motivo suas necessidades mudam constantemente, é nesta fase que surgem novos interesses e novas maneiras de se relacionar com o mundo. Muitos comportamentos e atividades que são comuns em todas as idades não seguem os seus padrões rígidos e são aceitáveis como desvio comportamental em cada fase do desenvolvimento da criança.

A escolha deste tema surgiu de uma experiência prática, onde tenho um irmão adotivo do qual possui o déficit de atenção e hiperatividade, que me chamou muito atenção do seu tipo de comportamento, era rebelde, impaciente, e não aceitava esperar para ser atendido ou ouvido, dificilmente permanecia concentrado em alguma atividade, é desorganizado com suas roupas, brinquedos, material escolar e falava e fazia coisas sem pensar mais ao mesmo tempo se arrependia, as dificuldades de relacionamento entre ele e a educadora, o desconhecimento dos educadores em relação ao problema e a falta de compreensão de todos inclusive dos educadores e da direção, a maneira como eles o rotularam, sem eles mesmo saberem o porque daquelas atitudes e comportamentos, da falta de interesse dele com os estudos, entre outros fatores que foram surgindo no decorrer dos dias .

A vivência com ele me despertou um grande interesse pelo estudo tentando esclarecer este desvio comportamental no âmbito escolar. Onde se faz necessário um aprofundamento no determinado assunto, para então sabermos ter as atitudes e procedimentos corretos para com estas crianças, para sabermos agir como verdadeiros educadores e que possamos ser e fazer a diferença na vida dessas crianças.

Sabe-se também que vários estudos apontam o desconhecimento dos saberes docentes dos professores em relação no que se diz respeito à identificação do déficit de atenção e hiperatividade nos alunos, o problema mais contundente

competete ao despreparo das equipes educativas e dos educadores para lidar com crianças que possuam este desvio comportamental e as conseqüências são as mais difusas e traumáticas para o educando.

Com isto procuramos analisar neste trabalho tendo como **tema** saberes docentes necessários aos professores de educação física para trabalhar com alunos que possuem o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Tendo como **problema** como estão os saberes docentes dos professores de Educação Física e dos pais em relação ao Déficit de atenção e hiperatividade? Partindo do **objetivo geral**: Analisar quais são os conhecimentos que os Professores de Educação Física têm-se sobre o Transtorno de Déficit de atenção e Hiperatividade, os **objetivos específicos** são verificar como atua o professor com o aluno portador de TDAH; Analisar como que os professores se relacionam com esses alunos; Verificar os problemas e as dificuldades que apresentam as crianças com TDAH no âmbito escolar; Verificar se os pais se fazem presentes na escola; Discutir o relacionamento entre pais e professores em função da criança; Identificar se os pais e professores estão trabalhando de acordo com as necessidades da criança; Discutir se pais e professores já teve formação sobre o assunto.

Para melhor desenvolver a pesquisa apontamos algumas **questões norteadoras** como: que conhecimento os diretores, professores de educação física e pais possuem sobre déficit de atenção e hiperatividade? Quais as atividades são realizadas nas aulas pelos professores de educação física para que o aluno não disperse? Os pais já têm conhecimento deste tipo de déficit de atenção e hiperatividade? Quais os métodos que os pais utilizam em casa ou de que maneira eles lidam com este tipo de déficit de atenção e hiperatividade? Quais as dificuldades e facilidades encontradas nas crianças dentro e fora das aulas de Educação Física?

Tendo como procedimentos metodológicos para este estudo uma pesquisa de campo descritiva com recorte qualitativo, divididas em três capítulos, sendo o primeiro **transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e seus sintomas**, o segundo **saberes docentes: relação professor x aluno** e por fim abordando como título **tendências crítico-emancipatoria nas aulas de educação física**. Os autores que subsidiaram este estudo foram Cypel (2003), Rohde e Benczick (1999), Bracht (1997), Freire e Shor, (1996), Kunz (2001), Mlttler (2003), Morin (2005), Gotah (2001), entre outros.

2 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE E SEUS SINTOMAS

Neste capítulo iremos falar do transtorno de déficit de atenção e a hiperatividade, seus sintomas, fatores, causas e as relações entre pais, as crianças e os professores.

O transtorno de déficit de atenção e a hiperatividade, conhecido pela sigla TDAH, é um problema de saúde mental que têm três características básicas: a desatenção, a hiperatividade e a impulsividade. Este transtorno causa um grande impacto na vida das crianças, dos pais, amigos, professores entre outros que fazem parte da sua vida.

O TDAH é um problema que pode afetar o aspecto emocional e o afetivo da criança, e quando não cuidado pode levar a sérios problemas com o relacionamento familiar e social, ter um baixo desempenho escolar, onde é desorganizado, não espera sua vez, sempre tem que estar fazendo algo ou mexendo em algo, não consegue prestar atenção em nada principalmente em atividades que exijam concentração, um simples barulho como um lápis caindo no chão já é motivo para se distrair ou se desconcentrar.

Rohde (1999), descreve que para realizar uma atividade pedagógica a criança que possui Déficit de Atenção e Hiperatividade leva em torno de duas horas enquanto uma criança considerada “normal” leva em torno 30 (trinta) minutos, senta-se depois de muita insistência mexe-se um pouco enrola e após levanta novamente vai tomar água, volta para o lugar mexe em seus pertences escreve algo ou pinta logo após levanta e inventa outra desculpa para poder sair.

Cypel (2003, p.43 e 44) afirma que a dispersão dessas crianças:

Trata-se de uma dispersão da atenção que não se fixa em um objetivo determinado, ou seja, uma falha em sua atenção seletiva, caracterizando o que se chama de foco errático: desloca sua atenção para situações e objetos menos importantes em determinado contexto não se fixando naquilo que é o menos importante.

Conforme Cypel (2003), a atenção dessas crianças não consegue se fixar por muito tempo em algo que para ela não é considerado importante, pois aquilo que eu não consigo realizar ou tenho dificuldade de aprender isto não me interessa nenhum

pouco, por este motivo não irei me concentrar e nem me dedicar para realizar a determinada tarefa.

Os primeiros sintomas já estão presentes muito precocemente na vida dos bebês. Percebe-se que a criança é inquieta, chora e mexe-se com frequência batendo mãos e pés. Na escola essas crianças não conseguem parar em rodinhas para ouvir histórias, não conseguem realizar atividades que exijam esforço mental, querem especular tudo, se intrometem nas coisas dos outros colegas, falam muito alto e não escrevem nada. Conforme o autor Cypel (2003), estas crianças ao chegarem à fase da adolescência costumam ficar mais rebeldes com grande chance de entrar no vício da droga, pois a droga contém uma substância que chega até o cérebro fazendo com que eles se acalmem ou se concentrem mais no que estão fazendo.

Os sintomas de Transtorno de déficit de atenção somente serão diagnosticado pelo médico quando a criança tiver sete anos, já a hiperatividade poderá ser diagnosticada já nos primeiros meses de vida da criança.

Cypel (2003), aponta que não se pode confundir o Déficit de Atenção e Hiperatividade com falta de limites no período escolar e em casa, onde ambos precisam que alguém lhes dê limites fazendo com que perceba o seu erro. Por este motivo os sintomas de TDAH caracterizam-se por dois grupos (1) desatenção e (2) hiperatividade (agitação) e impulsividade

Desatenção:

- Não presta atenção a detalhes ou cometem erros por descuido;
- Têm dificuldades em se concentrar para realizar tarefas e jogos;
- Não presta atenção ao que lhes é dito; (parece sempre estar no mundo da lua);
- Tem dificuldades de seguir regras ou instruções;
- Quando começa algo não consegue terminar;
- São desorganizados com seus brinquedos, materiais escolares, roupas, entre outros.
- Evita atividades que exijam esforço mental continuado;
- Perde coisas com facilidade;
- Distrai-se facilmente com coisas que não tem nada a ver com o que está fazendo;
- Às vezes são agressivos, levando-os a mentir ou a roubar;

- Tem o comportamento de oposição ou de desafio às regras e aos pedidos dos adultos;

Hiperatividade e impulsividade

- Fica remexendo as mãos ou os pés com frequência quando esta sentada;
- Não para sentado por um minuto;
- Pula, corre excessivamente em situações inadequadas;
- Costuma ser muito barulhento enquanto brinca, joga ou diverte-se;
- Fala demais, ou costuma falar sozinho fantasiando algo as vezes;
- Responde as perguntas antes de terem sido terminadas;
- Não consegue esperar sua vez;
- Costuma interromper a conversa ou jogos dos outros;

Segundo Rohde (1999), as crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), são muito espertas e tem a audição muito aguçada, elas têm a inteligência necessária para sua faixa de idade e tentam se esforçar o máximo para prestar atenção e parar quietas.

Estudos demonstram que os meninos apresentam maior tendência de nascer com estes desvios comportamentais do que as meninas. Por isso faz-se necessário nesse subtítulo um breve estudo sobre os fatores e as causas do TDAH nas crianças.

2.1 Fatores e as causas do TDAH

Cypel (2003; ROHDE e BENCZIK 1999), apresenta algumas causas e fatores para que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) venha a se originar na vida das crianças porém estas não foram realmente confirmados sendo o primeiro a *Hereditariedade* onde é tida como um ponto forte, algumas famílias explicam que 50% e 92% da variedade de comportamentos hiperativos e impulsivos encontrados nas crianças são hereditários, entretanto é importante ressaltar que os estudos apontam que somente a hiperatividade foi herdada e não o transtorno;

O segundo é *Problemas durante a gravidez e no parto*, estudos demonstram que mulheres que tiveram problemas durante a gravidez, como depressão, sistema nervoso alterado, não realizavam o pré-natal corretamente, usavam abusivamente o

álcool, o cigarro e as drogas durante a gestação fazendo com que houvesse uma alteração em todo o seu sistema imunológico, refletindo assim todos os seus problemas para o bebê;

O terceiro é *Problemas familiares* este fator engloba todas as formas de educação que a criança recebe dos pais e da família durante seu ciclo de vida, naturalmente se é diagnosticado o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) na criança isto gera tal conflito na família, e principalmente nos pais que acham que seu filho não presta, não sabe fazer nada, é mal educado, pensando então que a culpa do filho ser assim é deles.

É complexo discutir a etiologia do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), pois aqui também, como em outros distúrbios do desenvolvimento, há múltiplos fatores que podem interferir e nem sempre serão os mesmos para todas as crianças e adolescentes. Este mesmo autor destaca condições que são mais apontadas na discussão das causas do TDAH: genética, lesões e disfunções cerebrais, disfunções neuroquímicas, doenças metabólicas ou degenerativas do sistema nervoso e fatores emocionais. Adverte, no entanto, que em todos esses fatores há discussões de teorias que confirmam ou rejeitam estas condições.

Cypel (2003), destaca como causas do TDAH: fatores biológicos com anormalidades no desenvolvimento cerebral nas regiões frontais; genéticas e ambientais.

Rohde (1999), apresenta o TDAH como sendo uma síndrome heterogênea, sendo assim, a etiologia é multifatorial podendo ser determinada por fatores genético-familiares, adversidades biológicas e psicossociais.

2.2 Como tratar o Transtorno de Déficit de Atenção e hiperatividade (TDAH)

Neste subtítulo veremos ver como ter os procedimentos corretos após a descoberta do déficit de atenção e hiperatividade.

Cypel (2003) aponta que o trabalho de cuidado com essas crianças são permanentes e exaustivos, dia e noite, pois estas crianças exigem um tempo e a atenção em dobro dos pais, irmãos e educadores, deixando-os às vezes sem paciência e acabam ficando irritados com a criança tendo atitudes de brigas, gritos ou até levar aos pais num ato de dar “uns tapas”. Os educadores não se sentem

estimulados a ensinar, pois a criança já tem certa dificuldade no seu processo de aprendizagem. A criança enrola tanto para realizar uma atividade que exige esforço mental ou até mesmo físico, que acaba vencendo a educadora pelo cansaço e ela acaba desistindo de lhe ensinar, fazendo com que esta criança seja somente mais uma na sala.

Rohde (1999), aponta que o tratamento para o TDAH é multidisciplinar, pois envolve intervenções psicossociais e psicofarmacológicas, estas, em função do desequilíbrio neuroquímico cerebral provocado pela criação insuficiente de neurotransmissores catecolaminérgica (Dopamina, Noradrenalina) em certas regiões do cérebro. As intervenções psicofarmacológicas são aquelas que cuidam do indivíduo no sentido do medicamento, que tipo de medicamento a criança irá tomar.

Conforme Cypel (2003), neste caso é comum os médicos indicarem para o uso de automedicação, o metilfenidato conhecido comercialmente como a Ritalina, esse fármaco age no sistema nervoso central potencializando a ação dos neurotransmissores catecolaminérgica. Este medicamento exige acompanhamento médico e orientações adequadas, quanto ao uso adequado para o indivíduo. Estudos comprovam que ela obteve bons resultados no tempo de fixação da atenção e na produção escolar, as doses utilizadas são de 0,3 mg/kg a 0,6 mg/kg, são tomadas 30 minutos antes da criança ir à escola, estendendo-se por um limite de tempo de até 6 horas após ingerir o remédio, seus efeitos colaterais são a insônia, inapetência com conseqüente perda de peso, atraso no crescimento, e as vezes, uma reação indesejável de aumento na inquietude, quando essas reações secundárias são de porte, há necessidades de retirada ou substituição do remédio.

Conforme Rohde e Benczik (1999), a ritalina deverá ser ingerida diariamente, ela é a mais indicada, pois os efeitos colaterais são os menos prejudiciais a saúde da criança.

Cypel (2003), mostra que além da medicação, costuma-se ter outros tipos de cuidados como atitudes terapêuticas na família ou no casal, atendimento psicoterápico ou pedagógico, que poderão trazer por si só benefício para o relacionamento da criança com o seu meio social.

Outro tipo de cuidado que temos que obter são as intervenções psicossociais, cuja esta tem a função de cuidar do lado emocional e afetivo da criança, com a finalidade de obter uma adequação de tais comportamentos. Uma relação amistosa entre a escola e a família tem como objetivos reunir maiores condições para superar

as dificuldades da criança com este desvio comportamental, os pais e os educadores sendo conscientizados da importância do tratamento e dos procedimentos utilizados somam forças, criando estratégias para ajudar a criança com hiperatividade e déficit.

Quando procurado estes recursos com rapidez nos casos mais brandos é possível, já no consultório médico fazer-se uma orientação para pais e familiares sobre as situações mais freqüentes no dia-a-dia da criança, visando maior e melhor colocação de limites, organização dos objetos pessoais e escolares, disciplina nas atividades em geral e na rotina das alimentações, conseguindo assim um bom resultado.

Conforme Cypel (2003), já nos casos mais complexos, quais o comportamento da criança já está bastante alterada e os familiares se dizem fatigado e não agüentam mais a criança, eles optam por uma intervenção das terapias familiares, onde o procedimento psicoterápico de cada caso será um caso. Deverá levar-se em conta a idade da criança, sua vivência com a família, seu tipo de comportamento e qual impacto que tal está causando na convivência familiar e escolar. Agora faz se necessário um aprofundamento sobre os relacionamentos onde mostraremos neste subtítulo os tipos de relação entre escola, professores e pais.

2.3 Relacionamentos de pais, escola, professores e a criança com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade

Segundo Mittler (2003), precisamos repensar na base inteira de relações entre família e escola, necessitamos saber como e quando criar vínculos para promover a inclusão social e escolar auxiliando na aprendizagem da criança.

Para Cypel (2003), um relacionamento mais estável entre pais e escola, deverá ter como princípio múltiplas intervenções para minimizar o impacto negativo que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) trás a vida da criança, dos pais e educadores.

Rohde e Benczik (1999), afirmam que este problema quando não tratado pode associar-se a vários problemas de ordem social, familiar, escolar e permanecendo durante a adolescência e a vida adulta. Estas intervenções são o esclarecimento familiar sobre o TDAH, intervenção da psicóloga e da pedagoga, juntamente com a

criança ou o adolescente, o uso da medicação, orientação de manejo para a família, orientação de manejo para os professores.

Apontaremos agora brevemente qual é o tipo de relação e atitudes que pais e professores devem ter com este tipo de criança.

2.3.1 Aos pais

Conforme Cypel (2003), a atitude de pai e mãe em relação à criança com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é muito diferente, pois quem fica com as atividades mais rotineiras é a mãe, onde são mais exaustivas e precisa-se de muita atenção e mais cuidados, o pai interage menos com a criança e passa a maior parte do tempo com as atividades mais agradáveis.

Para os autores Rohde e Benczik (1999), no contato com a família em busca de conteúdos sobre a história de vida da criança ou adolescente, freqüentemente os pais queixam-se do relacionamento difícil e desgastante entre eles. A criança com este desvio comportamental torna seu lar mais conturbado e estressado do que outros que não têm que conviver com essa dificuldade. Os pais, com freqüência, experimentam alto nível de stress, depressão e culpa.

Cypel (2003), nos mostra que em relação a esses cuidados é preciso que haja entendimento dos pais sobre o problema, com esclarecimentos sobre seus sentimentos e condução com a criança que apresenta o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Para Mitller (2003), a compreensão dos pais em relação aos problemas sociais, escolares e familiares ainda não muito explícita, pois quando vão à escola sentem-se apreensivos e ansiosos, pois já possui certa vivencia histórica com os professores e com a escola, estes pais se baseiam então simplesmente na confiança e no entendimento dos professores. Não sendo então informados de como e quais são as competências do seu filho.

Cypel (2003), afirma que a criança e o adolescente com TDAH apresentam varias capacidades, dentre eles estão suas aptidões de inteligência e criatividade, a facilidade em fazer amigos e outros pontos positivos que consintam em sentir-se valorizado e capaz de obter o sucesso, que os pais não vejam ou qualifiquem o filho somente como relaxado, irresponsável, preguiçoso e outros rótulos que servem para

diminuir seu ego. É por meio desses pontos positivos que os pais e os professores devem estar focalizando no aluno e a partir daí criar estratégias para contribuir na educação da criança ou adolescente.

Segundo Rohde e Benczik (1999), os pais precisam se sentir apoiado um no outro e acreditar que a ajuda deles é importante, sendo tolerantes, pacientes, compreensivos e entender que buscar informações sobre o assunto é necessário, acreditando acima de tudo que o filho é capaz de realizar alguma coisa necessária, sabendo reconhecer e declarar o sentimento de amor e ternura para com o filho.

Para Cypel (2003), os pais precisam manter um diálogo freqüente sobre o que se passa com o filho, devem planejar e executar limites para determinadas situações, eles deverão ser sensíveis e atentos para apreciar situações que podem ocorrer, procurando interferir e mediar de maneira segura com o filho quando ele estiver criando alguma situação constrangedora para eles.

"Como por exemplo, imagine uma família diante de uma loja no shopping com o filho insistindo em ganhar o brinquedo que lhe é negado e que por isso faz uma enorme birra. A mãe explica-lhe varias vezes que não será possível, mas logo fica constrangida porque muitas pessoas já pararam para olhar a cena. Como é sabida, a crise de birra é a reação extrema ou a tentativa maior da criança para manter sua onipotência e exigir que seu desejo seja realizado. É o momento em que o pai deve interferir de forma mais firme, colocando um ponto decisivo e final no que esta ocorrendo, reforçando a atitude da mãe e confirmando que aquele brinquedo não será comprado. Isso que poderia ser qualificado como uma atitude paterna autoritária, severa em realidade é o que a criança estava necessitando, um limite claramente estabelecido". (CYPEL, 2003 p. 73)

Percebemos nesta citação de Cypel (2003), que é muito importante que o pai intervenha de forma firme e qualificada, mostrando firmeza para a criança deixando claro o que é uma atitude de autoridade.

Cypel (2003), descreve que as colocações de limites elaboradas pelos pais devem estar claras e devem ser realmente executadas fazendo com que a criança saiba o que pode ou não fazer, é comum quando os pais negam algo para as crianças com TDAH e a maneira de elas expressarem seu sofrimento e sentimento de rejeição dizendo que irão se matar, que ninguém cuida bem dela, que irão fugir de casa ou que são infelizes.

Rohde e Benczik (1999) apontam que estas crianças apresentam dificuldades de controlar seus impulsos se metendo em confusões e desentendimentos com a

família e com as outras crianças, e acabam acreditando no que lhe dizem, se preocupando com os “castigos divinos”. Ouve diariamente uma quantidade de 'nãos', 'pára', 'sai daqui', 'fica quieto', com uma frequência muito maior que as outras crianças. Isso gera nela um sentimento de que há algo de errado com ela e de que é um estorvo, diminuindo a sua auto-estima.

Mitler (2003), esclarece que ter limite é uma construção gradual que se processa desde a gestação com as atitudes dos pais, mas que no decorrer do desenvolvimento evolui à medida que a criança tem oportunidades de ter responsabilidades e de serem mais organizadas, como guardar os brinquedos, colocar o lixo no lixo, manter hábitos de higiene, falar a verdade. A criança tem satisfação quando percebe que pode fazer algumas coisas, desenvolve a confiança e sente-se encorajada para novas atitudes.

Por este motivo os pais devem estar seguros dos seus atos e atitudes, que eles saibam intervir de forma correta, contribuindo assim para a educação do seu filho tornando seus filhos capazes de serem sujeitos mais autônomos e satisfeitos consigo mesmo e nas suas atitudes, com a capacidade de apreciar e aprovar suas próprias atitudes.

Segundo os autores Benczik (1999), Cypel (2003) e Rohde, (1999), esta orientação traz aos pais, uma sensação de alívio, pois, muitos deles, sentem-se desorientados, fragilizados e, alguns, com grande sentimento de culpa, pois acreditam que o filho tem esse comportamento por terem sido muito permissivos ou porque o casal tem dificuldade no relacionamento ou por consequência de alguma situação difícil vivida pela família.

Cypel (2003), descreve que as crianças que possuem Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), costumam invadir o espaço dos pais, mentem, criam histórias ou colocam a culpa sempre em alguém caso tenha feito alguma coisa errada, não guardam seus brinquedos, gritam muito, tem o sono muito profundo, e mexem-se freqüentemente durante a noite. Por este motivo a colocação de limites dentro de casa é muito importante, sabendo então impor e propor regras adequadas e na hora certa para que o filho saiba se pode ou não fazer. Nestas regras o pai e a mãe têm que ser suporte um do outro e os dois devem caminhar juntos. Estas crianças solicitam demais, demonstrando permanente insatisfação e voracidade.

De acordo com os autores Rohde e Benczik, (1999), o que os pais não podem esperar é que os comportamentos dessas crianças mudem do dia para noite, este é

um processo de desenvolvimento muito lento e os pais precisam ter muita paciência e ser persistente para encarar e vencer esta batalha.

É sempre bom lembrar que essas crianças têm certas dificuldades não porque são perversos ou teimosos, e sim porque o Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) leva a criança a agir diferentemente do esperado, por este motivo é sempre bom analisar os problemas sociais, escolares e familiares de cada criança. Assunto este que iremos abordar no nosso capítulo abaixo que é sobre a convivência da criança na escola com os professores.

2.3.2 Na escola

Para Mitller (2003), qualquer escola necessita da sua própria política de relação casa-escola, do qual fica implícito diante dos pais esta relação, isto deverá ir além de palavras bonitas para incluir propostas concretas a fim de alcançar melhores relações de trabalho com os pais e com a comunidade local.

Para Bracht (1997), as duas instituições sociais de maior influência no processo da socialização da sociedade são a escola e a família.

“A escola é formalizada com regras estabelecidas, onde os professores representam não só a autoridades adulta e a necessidade de ordem e disciplina, como também os valores do conhecimento”. (BRACHT apud LOY et al.1997, p.77)

Com isso entendemos que a escola vem como base não somente para regras e normas de comportamento, mas também para contribuir e reforçar uma série de valores decorrentes de uma sociedade convencional.

Segundo Cypel (2003), as escolas estão mais habituadas a trabalharem com crianças consideradas “normais”, ou seja, as estas possuem uma boa produção no aprendizado e um bom comportamento. Quando surgem na sala uma ou duas crianças com um desvio comportamental e dificuldades de aprendizagem, elas acabam interferindo na atividade dos outros alunos e no trabalho didático da professora criando problemas e situações desfavoráveis.

Segundo Rohde (1999), os professores estão amarrados a certa didática proposta em sala de aula, onde destacam somente os alunos que tenham um ótimo desenvolvimento de aprendizagem. Uma criança que possui Transtorno de Déficit de

Atenção e Hiperatividade tem seu desenvolvimento de aprendizagem vagaroso, e quando o professor não entende este processo isto gera uma serie de dificuldades entre professor x aluno. Rohde (1999), ressalta que exatamente por este motivo é bom que se tenha uma equipe de professores e orientadores educacionais que estejam familiarizados com os conceitos básicos do TDAH, ou pelo menos tenham interesse em discuti-los.

Bracht (1997), afirma que muitos dos valores são propostos no espaço escolar como um sentimento de inferioridade, submissão e respeito pela ordem estabelecida e do aprendizado “de que cada um é por si”, e da competição de uma forma individualizada. Desta forma ficam claros para Bracht (1997) que juntamente com o esporte fica acoplado, determinado valores e normas que demarca uma organização hierárquica, autoritária e centralizada. Sendo que segundo as palavras do autor o esporte dado na escola pode ser não muito indicado dependendo da forma em que o professor proporcionara este esporte para os alunos.

Rohde (1999), descreve que crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) cometem muitos erros por desatenção, não estudam o suficiente, têm dificuldades de compreensão, pois não conseguem ficar sentados por muito tempo, mas quando se esforçam e conseguem controlar os seus sintomas, têm um desempenho normal dentro do seu desenvolvimento.

De acordo com os autores Rohde e Benczik (1999), afirma que precisamos ter certo cuidado em confundir crianças que possuem TDAH com um indivíduo que não obedece às normas, que exige todas as suas vontades seja satisfeitas, que muitas vezes tem comportamento semelhante a uma criança com transtorno de atenção/hiperatividade isso tem preocupado principalmente os educadores. O professor precisa conhecer o déficit de atenção ou a hiperatividade e saber diferenciá-lo de, “indolência” e “preguiça” e “incapacidade de desobediência”.

“É difícil encontrar-se a escola e o ambiente ideais para a criança desatenta e/ou imperativa. Essa ambientação precisa ser criada, organizada para cada criança individualmente, do ponto de vista do preparo dos educadores, do material e do planejamento das atividades. Absorve uma criança nessas condições e tentar improvisar esquemas sem a suficiente experiência poderá acrescentar mais um fracasso a vida desse indivíduo e que resultara, em um curto período de tempo, em mais uma nova perda, vindo como conseqüência o “convite” para sair da escola”. (CYPEL 2003; p. 83)

Compreendemos então que algumas sugestões ou cuidados são de extrema importância para que se tenha uma boa relação aluno/professor e para o desenvolvimento do aluno.

Para Cypel (2003), devemos sempre colocar o aluno que possui o TDAH, na frente, sendo que este fique sempre próximo ao professor, é importante também que o professor esteja atento a procurar estratégias para saber motivar o aluno, solicitar a realização de tarefas, conforme a capacidade do aluno, no momento em que o professor for chamar a atenção do aluno, ele deverá chamá-lo para próximo dele e com muita certeza e segurança mostrar-lhe o certo, quantas vezes for necessárias.

Rohde (1999), também descreve algumas sugestões para que possamos contribuir para o desenvolvimento do aluno com TDAH, é importante que o professor evite fazer correções e comentários depreciativos, inserir a crianças em rotinas na escola, manter sempre o contato com as psicólogas e pedagoga da criança, ter paciência não significa ser permissivo e tolerante em excesso. O professor precisa manter a disciplina em sala e exigir que os limites sejam obedecidos. Mas nada de tentar impor um regime militar para os baixinhos, caso perceba que algum aluno apresente os sintomas do TDAH, o professor deverá informar à família imediatamente, quanto antes o tratamento médico for iniciado, menos dificuldades as crianças vão enfrentar em sua vida escolar e por fim sempre motivar e estimular a criança em suas ações mais difíceis;

Segundo o autor Pacheco (2007), o processo de inclusão nas escolas cobre as mais variadas tentativas de atender a diversidade total das necessidades educacionais de cada educando, este é um processo que exige do educador, muita criatividade, flexibilidade e adaptação das atividades conforme as necessidades de cada educando. Conforme Pacheco (2007) o sistema educacional que fornece inclusão total baseia-se nos seguintes princípios:

Todas as crianças conseguem aprender; todas as crianças freqüentam classes regulares adequadas a sua idade em suas escolas locais, [...] recebem programas educativos e adequados, [...] recebem um currículo relevante às suas necessidades, [...] participam de atividades curriculares e extracurriculares, [e] beneficiam-se da cooperação e da colaboração entre seus lares, sua escola e sua comunidade. (PACHECO 2007 p. 14)

Com isso entendemos que todas as crianças devem ser inclusas na classe e na escola participando de toda e qualquer atividade extracurriculares, isso deve ser

conseguido por meio de um ambiente de aprendizagem escolar que atenda as expectativas dos alunos e as suas necessidades, por intermédio de planos de aula e projetos que envolva estes alunos para tal acontecimento.

3 SABERES DOCENTES: RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO

Segundo Shor (1996), há muito tempo os estudantes estavam habituados com uma aprendizagem passiva e tradicional, onde fazia-lhes pensar que o professor não tivessem o direito de ser mais crítico ou questioná-los. O sistema escolar fez com que os educandos não tivessem mais gosto em estudar, o ensino estava ficando cada vez mais padronizado onde os educandos não poderiam mais expor suas idéias e desejos, mas isso acabou despertando neles uma desmotivação nos estudos.

Sabemos que ser docente, é uma atividade que exige muito de nós, os educadores enfrentam aulas demais, alunos demais, e controle administrativo demais, e preocupando-se muitas vezes somente com a parte prática em ser realizada e deixando de lado a parte teórica e o dialogo em sala de aula, mesmo sabendo que toda pratica tem uma base teórica.

Conforme os autores Freire e Shor (1996), o dialogo é um ponto muito importante e fundamental para tornar a sala de aula em uma transferência de conhecimentos, onde não somente o educador aprende mais também os educandos o ensinam, e é desta forma que acontece a educação libertadora onde tanto os educandos quanto o educadores sejam agentes críticos do conhecimento. Segundo o autor é desta forma que educador irá estimular o seu educando, motivando-o a ser um indivíduo mais crítico e pensante em sua realidade. *“O rosto e a fala do professor podem confirmar a dominação, ou refletir possibilidades de realização.” (SHOR 1996; p. 35)*

Com isso entendemos que se os educandos ouvem ou vêem no rosto do educador o tédio e a impaciência, aprende uma vez mais que são educandos que inspiram desgosto e isso gera um desconforto no educando pensando que é inútil e o que faz está tudo errado. Mais se o educador na sala de aula passa segurança e lida com seus próprios problemas de vida de uma maneira mais entusiasmada e alegre o educando aprende a ter um interesse a mais pela aprendizagem.

Segundo Freire (1996), os saberes docentes deverão ser constituídos na base da transformação de um indivíduo mais pensante em seus atos e preparando assim o indivíduo para uma sociedade mais crítica. Neste sentido cada educador deverá ser radicalmente democrático, responsável e crítico, perfazendo suas atividades e criando em sala de aula situações provocadoras para com seus alunos, estimulando e motivando estes indivíduos a pensarem e recrearem.

Freire (1996; p.47) diz “A educação libertadora deve ser compreendida como em momento, ou um processo, ou uma pratica onde estimulamos as pessoas a se mobilizar ou se organizar para adquirir poder.”

Portanto os autores Freire e Shor (1996), levantam uma questão muito importante a ser refletida sobre as aulas libertadoras e sobre o medo dos professores tradicionais em tentar realizar as aulas expositivas e críticas, como é possível provocar a atenção e dinamismo no interior da sua fala, em apenas quarenta minutos ou uma hora? O desgaste dos educadores e a resistência dos educandos em sala são tanto, que os educadores temem a mudança da transformação e às vezes o fazem se perguntar o porquê estão na educação, pois o salário e o prestígio profissional não são valorizados, claro tem-se algumas condições favoráveis como férias longas, jornada de trabalho mais curta e o incentivo moral de trabalhar pelo desenvolvimento humano.

Muitos iniciam sua profissão inspirados no bem que poderiam fazer para a sociedade, estimulando e despertando nos educandos uma determinada alegria de aprender. Mas nem sempre o caminho é tão fácil assim, em meio o caminho surgem medos, duvidas, sobre a transformação da pedagogia tradicional para a pedagogia libertadora.

Para Freire (1996), o medo é algo concreto e não abstrato, a sua presença é palpável e ronda o espaço escolar e os estudantes, despertando neles duvidas e incertezas sobre a proposta a ser trabalhada pelo educador se esta haverá ou não rejeição. O medo nos provoca uma sensação de varias incertezas onde nos leva a refletir sobre o que estamos realmente fazendo, exigindo então procedimentos e práticas corretas realizadas dia após dia, e são justamente nossas experiências que nos provocam um sentimento de medo. Para Shor (1996 p. 70) “o medo vem do sonho que você tem sobre a sociedade que você quer fazer e desfazer através do ensino e de outras políticas”

O professor sempre trabalha em favor de alguma coisa ou contra alguma coisa, na medida em que o professor se reconhecer como político, também vai entender quais são as razões pelas quais tem medo, na sala de aula onde a pedagogia libertadora esta sendo realizado, o educador automaticamente vai fazer com que seus educandos pensem em sua sociedade num todo, escolhendo temas e fatos que podem ou não “deformar” nós mesmo ou a sociedade em que vivemos.

Freire (1996, p. 69) ressalta que:

Pôr em prática um tipo de educação que provoca criticamente a consciência do estudante necessariamente trabalha contra alguns mitos, que nos deformam. Esses mitos deformadores vêm da ideologia dominante da sociedade. Ao condenar estes mitos, também contestamos o poder dominante.

Para Freire (1996), a educação libertadora acontece quando os professores realizam o diálogo entre o professor e aluno, para falar ou refletir sobre a sua realidade tal como fazem e re-fazem, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica e do processo histórico dos seres humanos.

Para Freire, (1996, p.123) “o dialogo sela o relacionamento entre os sujeitos cognitivos, podemos, a seguir, para atuar criticamente para transformar a realidade”

Para Shor (1996, p.123) “na educação libertadora é uma comunicação democrática, que invalida a dominação e reduz a obscuridade, ao afirmar a liberdade dos participantes de refazer sua cultura”.

Sendo assim entendemos que o diálogo é uma tensão permanente entre a autoridade e a liberdade, onde nós educadores temos que saber ser autoridade e fazer com que nossos educandos cresçam e amadureçam, se sentido liberto em sala de aula para exporem suas opiniões e vontades e através deste dialogo torná-los e prepará-los para uma sociedade mais crítica. Freire (1996; p. 127) descreve que “onde a liberdade, a autoridade aprendem a autodisciplina.”

Freire (1996) aponta que o conhecimento que nós educadores devemos buscar, pois querendo ou não somos “autoridade política” em uma sala de aula é nosso compromisso como professores não é fazer grandes discursos em sala de aula para nossos alunos, mais sim temos o compromisso de transferir os conhecimentos chamando-os para a “vida” de maneira que eles consigam aprender e de modo a motivá-los e despertando-os neles a transformação. Nós como professores temos o dever de irmos aos poucos transformando esta sociedade para uma sociedade mais crítica e justa, e é na escola que esta transformação começa, porque a partir do momento que nossos alunos saberem lidarem com seus medos, com suas angustias, e com sua ousadia, eles saberão dominar seus atos e pensamentos. É com essa mistura de sensações e a experiência vivida que o aluno vai aprender a se conhecer como um membro importante da sociedade, fazendo ele parte do processo histórico dessa sociedade que esta em transformação.

Por este motivo Freire (1996; p.145) diz que:

Conhecer, para mim, é algo de belo! Na medida em que conhecer é desvendar um objeto, o desvendamento dá “vida” ao objeto, chama-o para a “vida”, até mesmo lhe confere uma nova “vida”. Isto é tarefa artística, porque nosso conhecimento tem qualidade de dar vida, criando e animando os objetos enquanto os estudamos.

Com isto percebemos que quando não vencemos o nosso medo, estamos deixando para trás nossos sonhos.

Morin (2005) descreve sete saberes importantes para a educação do futuro, a primeira se constitui pelo autor como **as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão**, onde todo e qualquer conhecimento comporta o risco de erro e de ilusão, juntas elas parasitam a mente humana desde o tempo do homo sapiens, onde homens vêem e criam falsas concepções de si próprio, do que fazem, do que se devem ou não fazer, do mundo em que vivem.

Morin (2005 p. 19) “O maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar a ilusão” O segundo é nomeado pelo autor Morin (2005) como **os princípios do conhecimento pertinente**, este vem para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, para isto é necessário uma reforma de todo o pensamento humano, onde esta reforma passa a ser muito paradigmática, e não programática. Tornando esta organização de conhecimento evidente para a educação no futuro onde o estudo a ser analisado e discutido para sua própria evidencia como temas principais, o contexto, o global; o multidimensional e por fim o complexo.

A terceira é nomeada pelo autor como **ensinar a condição humana**, este ele descreve como é possível com base nas disciplinas atuais se reconhecer na condição humana, o que autor descreve é que o ser humano deveria ser o objeto fundamental de estudo.

Morin (2005, p. 47). “Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano.” Onde interrogar a condição humana implica refletirmos na nossa posição em meio ao mundo e a sociedade.

A quarta é nomeada pelo autor como **ensinar a identidade terrena**, onde este descreve que precisamos tanto conhecer-se como ser humano como também conhecer a condição do mundo em que vivemos, o autor descreve que em meio a

era das telecomunicações, da informação, da internet, estamos submersos na complexidade deste mundo tão globalizado e intelectual onde as informações chegam cada vez mais rápido. Para isto o autor nos mostra neste capítulo que devemos aprender a lidar com este mundo mais intelectual e globalizado.

Morin (2005p. 65) “educar para este pensamento é a finalidade da educação do futuro, que deve trabalhar na era planetária, para a identidade e a consciência terrenas.”

A quinta é nomeada pelo autor como **enfrentar as incertezas**, neste capítulo o autor nos fala de estarmos sempre pronto para o inesperado, onde nosso futuro permanece aberto e imprevisível.

A sexta é nomeada pelo autor como **ensinar a compreensão**, neste capítulo a compreensão é somente o tempo, meio e o fim da comunicação humana, onde o autor descreve entre poucas linhas a necessidade da educação para a compreensão em todos os níveis educativos e em todas as idades, onde o desenvolvimento da compreensão pede a reforma das mentalidades, onde transforma o jeito e o modo de pensar e agir da condição humana neste mundo.

A sétima e último saber educativo é nomeado pelo autor como **a ética do gênero humano**, onde para o autor Morin (2005), a ética não se deve ser ensinada por meio de lições de moral e sim deve ser ensinada através de formação de mentes mais conscientes com base na consciência de ser humano sendo ele um indivíduo que faz parte de uma sociedade e de uma espécie.

3.1 Educação física no ensino fundamental das series iniciais

Conforme os parâmetros curriculares nacionais (1998), a educação física tem papel fundamental de introduzir e integrar os alunos na cultura corporal do movimento com a finalidade de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções e de melhoria para a saúde, adotando como eixo estrutural de ação pedagógica o principio da inclusão de todos os alunos desenvolvendo a autonomia, cooperação, participação social e da afirmação de valores e princípios democráticos. Tendo como conteúdos os jogos, os esportes, as danças, as lutas e ginástica.

Segundo Coletivo de atores (1992) a educação física vem sendo vista no âmbito escolar como uma pratica pedagógica que tematiza formas de atividades

expressivas corporais como: jogo, esporte, ginástica dança. Formas estas que configura uma área do conhecimento que visa apreender a cultura corporal e expressão corporal como linguagem.

kunz (2001), descreve que a educação física têm um peso muito positivo no desenvolvimento físico, mental e motor das crianças, pois se o aluno apresenta bons resultado nas aulas educação física ele tem uma maior chance de se interessa pelos acontecimentos que ocorrem dentro e fora do contexto escolar.

No mundo vivido e proporcionado pela educação física a criança começa a ter um autoconhecimento de si mesmo, não somente no individual mais também no coletivo, passando por vivência e da vivência para a experiência (Kunz 2002). A criança quando começa a se inserir no mundo social, cultural e lingüístico ela começa a formar uma imagem mais autônoma, onde começa a concretizar seus desejos, interesses e necessidades, formando então a sua personalidade.

Personalidade essa que se reflete e se transforma diariamente nas aulas de educação física, com o convívio e o contato físico com os outros colegas, isto faz com que o próprio aluno consiga enxergar como que ele se apresenta durante as aulas tendo e criando às vezes uma visão de autoconhecimento de si próprio, ao se defrontarem com atividades já conhecidas e vivenciadas pelo aluno fora do contexto escolar.

Com base nos mesmos princípios teóricos educacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física para o Ensino Fundamental (BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO, 1997) expressam, em seus objetivos gerais, a expectativa que os alunos sejam capazes de:

- Participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais (p. 43);
- Participar de diferentes atividades corporais, procurando adotar uma atitude cooperativa e solidária, sem discriminar os colegas pelo desempenho ou por razões sociais, físicas, sexuais ou culturais (p. 63);
- Participar de atividades corporais, reconhecendo e respeitando algumas de suas características físicas e de desempenho motor, bem como as de seus colegas, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais (p. 71);

- Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações de cultura corpórea, adotando uma postura não-preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, sexuais ou culturais (p. 72).

Para coletivos de atores (1992), os temas da educação física deverão ser mais amplos e buscados pelo mediador através da e na escola, buscando também as necessidades sócio-políticas que envolvem e existem na sociedade em que o aluno vive, estes temas estão ligados a ecologia, papéis sexuais, saúde pública relações sociais do trabalho sociais, raciais, da deficiência da velhice entre outros. A reflexão destes temas nas escolas pública, municipais e particulares terão como base uma leitura do conhecimento e da realidade que se coloca o aluno na sociedade, criando laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais.

A questão de corpo durante as series do ensino fundamental, ainda é implantada como se fosse mais uma “coisa”, conforme a autor Gallardo (1998), é preciso superar esta visão de corpo que nós temos, como se ele fosse somente mais um utensílio de ocupação básica é de rendimento a produtividade tecida pelo lucro.

Gallardo (Et.ali 1998, p.27), defende a concepção de corpo na educação física como:

Cabe a educação física compreender e explicar o corpo, buscando despertar nos educandos uma consciência corporal que lhes permita perceberem-se no mundo em que vivem e, de posse dessa consciência, interferirem criticamente no processo de construção da sociedade brasileira.

Conforme Gallardo (1998) a educação física têm como conteúdo o movimento, e se tratando de movimento trata-se de um corpo onde este oferece um universo limitado de compressões e tratamentos que devem é claro ser explorado pelo professor de maneira a conscientizar os alunos de um corpo mais pensante ou como uma obra de beleza e arte. O corpo quando colocado de uma maneira mais coletiva em atividades esportiva, jogos, dança ou ginástica ele cria uma proximidade profunda e íntima com os colegas levando-os a uma ação de respeito e limite, onde todos se tornam iguais, ate o professor. Mas quando é colocado de forma esportivizada e de alto rendimento focalizando a competição ela começa a perder as perspectivas de atividades lúdicas no coletivo perdendo então a compreensão da corporeidade humana.

3.2 Educação Física na Educação Inclusiva

Conforme Pacheco (2007), há uma considerável variedade no modo como as pessoas definem este fenômeno. O termo educação inclusiva cobre varias tentativas de atender à diversidade total das necessidades educacionais dos alunos nas escolas de um bairro.

Segundo Pacheco (2007) a inclusão é um processo que exige do educador, muita criatividade, flexibilidade e adaptação das atividades conforme as necessidades de cada educando.

Pacheco (2007, p. 14 *descreve que*):

Todas as crianças conseguem aprender; todas as crianças freqüentam classes regulares adequadas a sua idade em suas escolas locais, [...] recebem programas educativos e adequados, [...] recebem um currículo relevante às suas necessidades, [...] participam de atividades curriculares e extracurriculares, [e] beneficiam-se da cooperação e da colaboração entre seus lares, sua escola e sua comunidade.

Com isso entendemos que todas as crianças devem ser inclusas na classe e na escola participando de toda e qualquer atividade extracurriculares, isso deve ser conseguido por meio de um ambiente de aprendizagem escolar que atenda as expectativas dos alunos e as suas necessidades, por intermédio de planos de aula e projetos que envolva estes educandos para tal acontecimento.

Segundo Pacheco (2007), a prática no espaço escolar baseia-se em uma certa visão que o educador devera ter em relação algumas atitudes e intervenções tomadas por ele durante sua atuação como professor mediador do conhecimento.

Pacheco (2007 p. 39) afirma que:

Os professores precisam ser proativos, planejando a sala de aula, ou seja, os espaços de aprendizagem, fornecendo materiais, arranjando o equipamento e os assentos, garantindo uma interação face a face, etc.

Por fim entendemos que o processo de inclusão é um processo com desafios abstratos, lento e muito sofrido, porém sabemos também que é possível tornar esta realidade diferente, é possível reverter este fracasso no âmbito escolar é possível remover barreiras para que haja um ensino adequado com a participação de todos os alunos, sem distinção de raça, religião, cultura ou deficiência.

Para Mittler (2003), o processo de exclusão a inclusão ocorre principalmente com crianças de classe média baixa. Famílias que vivem em condições desfavoráveis socialmente e economicamente estão sendo alvos desta exclusão. Estamos tentando entender como estas crianças fracassam na escola com tanta frequência, não conseguem atingir a sua média ou não desenvolvem igualmente ou juntamente como as outras crianças.

Segundo o autor Mittler (2003), começam então as contradições e problemas entre professor, aluno e escola. Alguns culpam os pais por não serem mais severos ou persistentes ao ensino do filho na escola sendo presente ou vivenciando sua vida escolar, alguns já culpam as próprias crianças pelo seu fracasso ou descontentamento pelo estudo, outros culpam a direção pelo desinteresse em ajudar e por terem uma baixa expectativa quanto ao aproveitamento dos alunos, outros culpam os professores pela falta de conhecimento e interesse em auxiliar este aluno com atividades diferenciadas que alcance seu limite de desenvolvimento para que possam aprender. Culpamos até o governo por não gastar dinheiro suficiente com as crianças ou de gastá-lo de maneira errada.

Para Mittler (2003, p.24) “O objetivo da inclusão está atualmente no coração da política educacional e da política social.”

Sendo assim confirmo as palavras ditas pelo autor Mittler (2003), que o campo da educação inclusiva abrange vários pontos a serem revistos, pensados e analisados pontos estes que partem de um processo de reforma que vai desde a reestruturação da escola num todo até os registros, planos, avaliação, relatórios, decisões tomadas sobre a influência dos alunos na sala de aula e na escola, incluindo também e principalmente as práticas pedagógicas exercidas pelo professor em sala de aula, bem como as oportunidades de esporte, lazer e recreação.

O objetivo desta mudança segundo o autor Mittler (2003), abrange não somente as escolas e autoridades educacionais locais mais também os serviços sociais, para que todas as crianças não somente as com deficiências mentais ou físicas, mas também todas aquelas com dificuldades no seu desenvolvimento de aprendizagem, os alunos pertencentes a minoria lingüística e étnicas que estes possam usufruir dos conhecimentos que a escola poderá lhes proporcionar, tornando-os indivíduos incluídos na sociedade em que vivem e não excluídos.

Mittler (2003), propõe sugestões onde a educação inclusiva é oferecida no espaço escolar regular, mas não é incompatível com a noção de apoio

aprendizagem, sendo que durante a aula deveria ter um apoio pedagógico, cujas aulas deveriam ser planejadas e oferecidas com um professor titular e o auxiliar. Outro ponto importante segundo Mittler (2003) é o planejamento entre professor e coordenador, pois este pode auxiliar nas abordagens usadas pelo professor durante as aulas, estes devem analisar pensar e desenvolver juntos aulas verificando juntos os pontos fracos e fortes da turma.

Por este motivo Mittler (2003, p.36) descreve que os professores:

[...] também merecem apoio dos seus diretores e das autoridades locais, assim como dos coordenadores de necessidades especiais da escola e dos serviços externos de apoio a escola.

Com isto Mittler (2003), vem nos mostrar através da citação à cima que os professores necessitam receber o suporte necessário da escola e de toda equipe pedagógica e principalmente do apoio dos pais e familiares, para facilitar o convívio e o desenvolvimento da aula e da aprendizagem da criança tendo como consequência para o futuro a inclusão sem exclusão.

Para Mittler (apud AINSCOW 1999 p.30) “A agenda da educação inclusiva refere-se à superação de barreiras, a participação efetiva que pode ser vivenciada por quaisquer alunos”. Por este motivo percebi a importância de ressaltar no próximo capítulo a sobre as dificuldades de aprendizagem na escola.

Segundo o autor Mittler (2003), as dificuldades de aprendizagem na escola começam através de vários desafios e um deles é a capacitação dos professores em ajudar os seus alunos a escaparem do ciclo vicioso da baixa expectativa de notas e de elevar a motivação e a auto-estima deles para com o estudo.

Para Rodrigues org.(2006), a inclusão não é apenas uma meta a ser alcançada, mas uma jornada com um propósito, onde o processo é lento e um pouco desafiador, mas não tão difícil quanto pode parecer, pois a maioria dos professores já se possuem um determinado conhecimento e algumas habilidades necessárias para atuarem e ensinarem de forma inclusiva, o que lhes falta é confiança em sua própria competência com o objetivo de melhorar o desenvolvimento do aluno inclusivo.

De acordo com Mittler (2003), durante a vivência em sala de aula que acontecerá a transferência de conhecimento entre professor x aluno onde cada professor ira descobrir, cultivar e ampliar seus conhecimentos vivenciando a

educação inclusiva com estes alunos, visando sempre alcançar as crianças e suas necessidades de aprendizagem com dificuldades, tendo como apoio pais e a equipe administrativa da escola.

Segundo Mittler (2003), o mesmo apoio esperado pelas professoras por parte dos pais, ocorre também com os pais, pois eles acreditam e querem que as professoras ensinem seus filhos, com muita competência e precisão cuja capacitação as preparou para esta tarefa.

Segundo o autor Mittler (2003), os professores precisam levar mais a sério a questão de inclusão dentro e fora da sala de aula, pois todos tem algo a aprender com a inclusão, não somente os alunos como também os professores.

Para Mittler (2003, p.184) a capacitação de professores poderá ocorrer:

Os professores já estiveram sujeitos a uma avalanche de mudanças, nas quais suas visões não foram seriamente consideradas. É importante que a inclusão não seja vista apenas como uma outra inovação.

Quando aponta cursos de capacitação profissional uma maneira inteligente e necessária para importância da educação inclusiva, isto não significa que vai influenciar ou mudar o modo de pensamento dos professores em relação a educação inclusiva, mas se o professor levar a sério estes pensamentos e conhecimento isto o levará a refletir sobre suas propostas de ensino e perceber se nelas todos os alunos estão incluídos ou excluídos.

Vejo que se faz necessário uma breve discussão sobre as tendências crítico-emancipatorias e como trabalhar esta tendência nas aulas de educação física nas escolas.

4 TENDÊNCIAS CRÍTICO-EMANCIPATORIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Desde o surgimento da educação física surgiram várias propostas e tendências para se trabalhar e fundamentar a educação física escolar. Em meados de 1991 surge às primeiras publicações com referências a prática da educação física, o autor Elenor Kunz trás uma nova pedagogia que se baseia nas teorias de Paulo Freire em uma educação libertadora, Kunz (2001) propõe através destas teorias uma educação libertadora entre aluno e professor durante as aulas de educação física onde a preocupação é em relação às questões epistemológicas e metodológicas da educação física, ou seja, que conhecimento deve compor o conteúdo e como transmiti-lo?

Para Kunz (2006), aponta a tendência crítica emancipatória como ponto de estudo a realidade do movimento humano através da comunicação e expressão corporal, que denominam este movimento humano como “Cultural Corporal” uma área denominada “área do conhecimento” da educação física.

Kunz (2001), descreve que o estudo do movimento humano é entendido como um deslocamento do corpo ou de suas partes em um determinado tempo ou espaço. Já nas aulas de educação física este movimento corporal poderá acontecer através da intervenção do esporte, da dança e das atividades lúdicas proposta por cada professor visando às condições do local, material, dos alunos e até mesmo da comunidade.

Segundo Kunz (2001), o movimento humano tem se uma interpretação que se compõe por disciplinas como a fisiologia, psicologia, sociologia entre outras para o autor quando falamos em movimento humano estamos perfazendo um ato interdisciplinar, pois envolve inúmeras questões no qual se dizem respeito à realidade do movimento humano com ou sem a educação.

De acordo com o autor Kunz (2001), o ensino do movimento, que a educação física trás consigo durante esse tempo todo é a intencionalidade onde somente o professor conhece o verdadeiro sentido do movimento executado e orientado por ele durante as aulas.

Neste sentido o ator Kunz (2001 p. 164) diz que:

“As soluções são apresentadas e produzidas em determinadas tarefas motoras, bem como as próprias vivências e experiências adquiridas pelo se - movimentar do aluno devem ser aceitas sem o menor questionamento pelo mesmo. O que resta para o aluno fazer é procurar sempre a melhor forma de se adaptar as exigências que lhe são colocadas.”

Desta forma o autor afirma que nas outras concepções das como a tecnicista, esportivizada, higienista e aulas abertas entre outras que surgiram como tendência da educação física, nelas somente resta para o aluno aperfeiçoar o movimento proposto pelo o professor, durante as aulas de educação física, onde não lhes são colocados desafios e soluções para que o mesmo consiga solucionar situações, conscientizando assim os alunos da prática que lhe foi proposta.

A tendência critica emancipatoria surge exatamente para que este finalidade venha se realizar nas aulas de educação física através da conscientização e da emancipação de cada aluno em seu meio social. Esta conscientização para Kunz (2001) pode se começar durante as ações reflexivas nas aulas de educação física onde o aluno deve ser conscientizando do valor da prática esportiva e internalizar o hábito de sua prática permanente. Desta forma fica claro que o professor interpreta o aluno como sujeito de toda e qualquer ação.

Kunz (2001), interpreta a relevância da educação física a partir de cinco planos onde o primeiro é:

“- A prática consciente da atividade física como um meio de proporcionar a formação de hábitos de vida sadia;
 - A formação do aluno como ser pensante critica responsável e social;
 - Atividades físicas como forma de libertação, auto-conhecimento e expressão;
 - O respeito ao aluno e professor como individualidade;
 - O desporto e as atividades físicas em geral como meios de educação integral;” (KUNZ, 2001 p. 116)

Desta forma fica mais claro os objetivos e planos encontrados nesta tendência critica. O conteúdo e o planejamento devem-se a inúmeras disciplinas solicitadas pelo autor Kunz (2001), estas são a ginástica geral, pequenos jogos,

iniciação esportiva (Atletismo, futebol, handebol, voleibol, basquete, ginástica rítmica, ginástica artística), dança, saúde e esporte para todos.

Kunz (2006) descreve que nas aulas de educação física o esporte não poderá ser ensinado apenas numa forma prática, temos que transformá-lo em algo que os alunos possam criar e recriar criando e solucionando problemas.

Kunz (2006 p. 39) descreve que, “a realidade do esporte deve constantemente ser problematizada para tornar transparente o que ela é e saber decidir sobre o que ela poderia ser.

Cada conteúdo deve ser proposto pelo professor conforme as condições do local, material e as condições da turma e de cada aluno, estas disciplinas são apresentadas junto a uma perspectiva de ação que faz com que cada aluno execute, identifiquem/descreva, compare, constate, se conscientize e por fim deve-se expressar-se corporalmente, verbalmente e socialmente.

4.1 Como trabalhar a Educação Física através a Tendência Crítica Emancipatória: As Competências e as Transcendências

Para Kunz (2003), planejar é uma tentativa de aproximar um objetivo, algo abstrato, imaginário, em uma realidade concreta, construída. Isso significa que a construção é a aula de educação física. O tema dessas aulas possui um objetivo, uma intencionalidade imaginável. Essas imaginações serão vivenciadas no decorrer das mudanças de cenas (situações) das aulas.

Kunz (2006 apud MAYER 1987), apresenta três categorias para relacioná-las as aulas de educação física onde devem conter um esquema de trabalho, linguagem e interação produzindo assim as competências objetiva, social e comunicativa no processo de ensino.

Para o autor Kunz (2006), **o trabalho** se compõe de um processo racionalmente organizado para alcançar progressivamente uma melhor performance física e técnicas para as práticas esportivas. E este exige um plano de entendimento dos alunos entre si e do professor para que ambos alcancem o democraticamente um acordo com a situação, o conteúdo e o contexto desenvolvendo nos alunos um agir mais solidário.

Kunz (2006), quando fala sobre a **linguagem** ele nos mostra que para se ter uma relação entre aluno-aluno, aluno-professor e professor-aluno isto não poderá acontecer sem um dialogo, ou seja, uma ação comunicativa que pode ser entendida por falas, gestos, por imitação etc, onde estes atos nos levam a pensar mais sobre nossa realidade. Já a **interação** ela caminha junto com a **linguagem**. Elas devem servir para um conhecimento técnico, cultural e social sendo entendidas como uma forma de relacionamento entre os participantes e o social. Onde a realidade do esporte não poderá apenas ser visto e ensinado apenas na pratica.

KUNZ(2006) apud MAYER (1987 p. 39), aponta que: *“Estas três categorias formam a mediação de conteúdo entre os alunos enquanto sujeitos em desenvolvimento e a realidade do mundo.”*

Kunz (2006), mostra que devem aparecer em nossas aulas de educação física também dois pontos muito importante para a aprendizagem do aluno estas são as competências e transcendências. A competência se divide em três itens a **competência objetiva** que parte do movimento e destrezas motoras adquiridas pelo aluno, ele precisa aprender certas estratégias para agir dentro das possibilidades individuais e coletivas, pois assim terá uma melhor relação no mundo de trabalho, na profissão no seio familiar e social.

Já a **competência social** o aluno precisa ter várias maneiras de relações com seus colegas de classe tanto no individual quanto no coletivo, durante as aulas de educação física, precisamos dar preferência ao trabalho com a co-educação, onde os alunos possam estar experimentando jogar entre meninos e meninas no mesmo conjunto. Para o autor Kunz (2006) nossa sociedade ainda consta parâmetros de dominação de homem, pela opressão das mulheres, nas aulas de educação física isto ocorre de maneira onde homens se dizem muito melhores a prática do esporte do que as mulheres. Nesta competência social os alunos precisam ter um maior entendimento de corpo e adquirindo assim conhecimentos e experiências socioculturais do contexto em que vive, assumindo e compreendendo estes diferentes papéis na sociedade.

Kunz (2006 p. 41) afirma como papel principal desta competência a necessidade:

“[...] contribuir para um agir solitário e cooperativo, devesse levar os alunos à compreensão dos diferentes papéis sociais existentes no esporte e fazê-los sentir-se preparados para assumir esses diferentes papéis e

entender/compreender os outros nos mesmos papéis ou assumindo papéis diferentes.”

A **competência comunicativa** deve ser entendida como um fator decisivo para o desenvolvimento da tendência crítico-emancipatória. A comunicação é uma ação muito importante para o aluno e também para o professor, não é apenas a linguagem do movimento que os alunos precisam desenvolver, eles precisam também desenvolver no decorrer das aulas de educação física a linguagem verbal. “Saber se comunicar e entender a comunicação dos outros é um processo reflexivo e desencadeia iniciativas do pensamento crítico. (KUNZ, 2006 p. 41)

Sendo assim entendemos que a comunicação é um ponto inicial para a relação professor aluno, fazendo com o mesmo seja e tenha atos conscientes durante as aulas desenvolvidas e para sua vida.

Segundo o autor Kunz (2006) durante as aulas de educação física fala-se muito pouco e em meio ao jogo ou atividades propostas pelo professor surgem vários problemas e questionamentos feitos pelos próprios alunos e é nesta a partir daí que o professor deve intervir de maneira a provocá-los a um diálogo sobre o jogo.

De acordo com Kunz (2006 p. 43), “É com a linguagem verbal que eu vou ensinar o aluno a ler, interpretar e criticar o fenômeno sociocultural do esporte”.

Com isto o autor Kunz (2006), nos mostra que é com intervenções, questionamentos, manifestações feitas pelos alunos em meio à atividade que nos professores devemos saber provocá-los a um linguagem verbal e a pensarem na forma de agirem social, fazendo então uma leitura da realidade. Neste caso as críticas irão significar uma capacidade de análise ou avaliação deles mesmos e do jogo.

Kunz (2001), descreve três transcendências que precisam aparecer durante as aulas de educação física na concepção crítico-emancipatória, onde esta é uma linha de ação onde a aprendizagem do aluno ocorre através da **transcendência pela experimentação** o aluno deverá experimentar a brincadeira ou o jogo proposto pelo professor; no segundo momento **transcendência pela aprendizagem**, após a experimentação da proposta pelo professor mediador, este deverá saber estimular os seus alunos a modificar a brincadeira ou atividade proposta, tornando a atividade do jeito deles; a terceira é a **transcendência pela criação**, onde após a modificação

da brincadeira o professor deverá provocar o aluno criando situações problematizadoras que ocorreram durante a aula para que estes saibam responder e criar soluções; Exemplo: O que podemos fazer para que todos participem? De que maneira podemos realizar a brincadeira mais que meninos e meninas brinquem juntos? Dai então partir para a atividade ou jogo criado por eles.

Conforme o autor Kunz (2001), a concepção crítico-emancipatória, visa conhecer a realidade e o meio social em que o aluno se encontra para então poder transformá-la. A relação professor aluno deverá sempre ser fundamentada no diálogo em sala de aula, pois é pelo pensar e falar que as interações humanas bem sucedidas se estabelecem.

O professor deverá saber estimular o aluno a dialogar sobre as situações vividas durante a aula, criando situações problematizadoras para que este saiba dar soluções, possibilitando ao aluno uma melhor compreensão para entendê-la, explicá-la e saber realmente transformá-la conscientemente, criando assim possibilidades de autonomia para expressar o seu desejo e sua vontade. Quando deixamos que os alunos pensassem por si só, estamos contribuindo para um ser mais pensante e realista em seu meio social e cultural, podendo assim transformá-la com mais consciência.

Kunz (2001, p.121), descreve que:

“Deve ser um ensino de libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, criados e construídos nos alunos pela visão de mundo que apresentam a partir de conhecimentos colocados à disposição pelo contexto sociocultural onde vivem.”

A concepção crítico-emancipatória anuncia e estimula mudanças reais e concretas na concepção de ensino da Educação Física, bem como no conteúdo, no método e nas condições das possibilidades da prática pedagógica, em meio a esta prática pedagógica a avaliação é um dos métodos utilizados pelos professores para que tal saiba o desenvolvimento do aluno, assunto este que abordaremos no próximo subtítulo.

4.2 Avaliações nas Aulas de Educação Física na Concepção Crítico-Emancipatória

Kunz (2003 p. 154), descreve a avaliação nesta tendência crítica emancipatória “como ensinar não é programar, não é pedir respostas, mas, sim, levantar perguntas.”

Com isso entendemos que é através da provocação que daremos ao nosso aluno que causara sua independência para um comportamento mais responsável e justo.

Kunz (2001), descreve que a avaliação, deste processo de ensino aprendizagem é composto por elementos pessoais e não pessoais. São elementos pessoais deste processo: alunos, professores, coordenação, assessoria pedagógica e comunidade acadêmica e elementos não pessoais, conteúdos (conceitos essenciais, hábitos, habilidades, atitudes etc.), objetivos, metodologia e avaliação.

O sistema de avaliação que era feita nas aulas de Educação Física, era realizada através de observações e julgamentos através de parâmetros preestabelecidos, feitos nas crianças onde estas eram submetidas a testes físicos e comparadas com outras crianças, pois naquela época se buscava talentos esportivos, transformando a Educação Física escolar em uma atividade desestimulante para alunos menos capazes ou não aptos e reduzindo as possibilidades pedagógicas da Educação Física trazendo limitações nas formas e conteúdos avaliativos.

Com o tempo este quadro foi mudando, e não pretendemos dar mais importância para a avaliação feita desta maneira, na concepção crítica-emancipatória a avaliação, é feita através de uma reflexão mais profunda, visto que envolve todos os outros elementos pessoais e não pessoais e a prática pedagógica dos professores.

Kunz (2003 p. 157) aponta:

“[...] as educação física, onde os alunos exercem comportamentos democráticos básicos, pode-se dar uma contribuição para a democratização da escola e da sociedade.”

De acordo com a citação colocada acima, a Educação Física tem-se como princípios avaliativos estabelecer um padrão mínimo de conhecimento, hábitos e habilidades, que o educando possa adquirir, o mediador deverá sempre atuar tendo em vista os objetivos propostos, o desenvolvimento da responsabilidade individual e no coletivo tanto para alunos quanto para professores, pois esta ação que faz parte do amadurecimento de ambos.

5 METODOLOGIA

Para Mezzaroba e Monteiro (2004), a metodologia é como um caminho que almejamos percorrer para chegar até um determinado fim, ou seja, ela contempla a fase da exploração de campo o é método que utilizaremos para percorrer com exatidão a verificação de todos os passos percorridos até o resultado final de uma pesquisa.

Precisamos de certos parâmetros ou técnicas para poder caminhar no conhecimento, onde a teoria e a metodologia caminham juntas e inseparáveis.

Minayo (org. 1994), descreve que a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado e capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. O conhecimento não nos acompanha desde que viemos ao mundo, ele nasce das experiências somadas no decorrer de nossas vidas, com experiências vivenciadas no nosso dia a dia, em meio a relacionamentos com outras pessoas e com pesquisas ou estudos.

5.1 Tipo de Pesquisa

Minayo (1994) diz que a pesquisa é que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente à realidade do mundo, embora seja uma parte teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação, onde nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido um problema da vida prática.

Com isso o estudo será desenvolvido por meio de pesquisa de campo descritiva com recorte qualitativo, que segundo Minayo (org. 1994), a pesquisa qualitativa cogita com um universo de significados, valores, motivos, crenças e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações a ser pesquisados e diferenciados entre si de acordo com sua natureza.

5.2 População dos Sujeitos Pesquisados

Rudio (1986), descreve que a população é um conjunto de pessoas que habitam em um determinado espaço geográfico com as mesmas características, onde o objetivo é constituir generalizações a partir das observações realizadas nessa determinada população.

Sendo assim, os sujeitos pesquisados neste estudo foram escolas localizadas no município de Içara - SC, escolhidas de acordo com a necessidade do estudo.

5.3 Amostra

Para este estudo foram selecionado uma amostra simples intencional, que segundo Rudio (1986) descreve amostra simples intencional como uma parte selecionada de acordo com a população alvo, onde o mais importante é selecioná-la e seguir determinados procedimentos, onde os resultados obtidos por esta amostra se faz uma generalização da população “normal”.

Para este estudo fizeram parte da amostra, três (03) diretores sendo todas três (03) do sexo feminino, cinco (05) professores de educação física, sendo três (03) do sexo feminino e dois (02) do sexo masculino e dois (02) pais, sendo quem preencheu foi uma (01) mãe e um (01) pai.

5.4 Instrumento de Dados e sua Operacionalidade

A coleta de dados é a fase em que devemos esclarecer com clareza como os dados serão analisados, organizados e sistematizados.

Segundo Rudio (1986), após os dados serem obtidos, o pesquisador terá um amontoado de respostas, que precisam ser ordenadas e organizadas, para que possam ser analisadas e interpretadas.

Conforme estes entendimentos, para a realização deste estudo, o instrumento utilizado para a coleta de dados, foram três (03) questionário semi estruturado (com perguntas abertas e fechadas) conforme o apêndice A para os diretores, apêndice B para os professores e apêndice C para os pais ou responsáveis.

Onde todos os questionários foram enviados por email para quatro professores da universidade para que pudessem avaliar e liberá-los, após a liberação dos questionários, fiz as alterações propostas pelos professores e levei até as escolas. Os critérios para a escolha das escolas foram por motivos de acessibilidade, fui primeiramente às cinco primeiras escolas de fácil acesso e nelas eu entrevistei os cinco professores e três diretores que eu necessitava para a pesquisa de campo.

Minayo (1994), descreve a entrevista como um procedimento mais usual da pesquisa de campo, é através dela que o pesquisador busca obter informações contidos na fala dos atores sociais.

Os primeiros procedimentos aconteceram de forma direta com cada escola e pais, onde fui até as escolas e fiz um levantamento se ali constavam crianças com hiperatividade e déficit de atenção, conversei pessoalmente com os professores e diretores para o preenchimento do questionário, se eles gostariam de preencher. Conversei com o diretor de uma das escolas e perguntei se eles não teriam como me ajudar a ter contato com um dos pais dos alunos para que eu pudesse também entrevistá-lo, a diretora me apresentou o endereço dos pais, do qual fui mais tarde pessoalmente até a casa deles para o preenchimento do questionário. Em seguida entreguei o questionário e pedi que se pudessem eles preenchessem até na próxima semana, onde marquei um dia e um horário para melhor encontro. O mesmo fiz com os pais fui pessoalmente a casa deles e perguntei se eles poderiam preencher um questionário do qual falava sobre o déficit e a hiperatividade nos filhos, eles aceitaram e marquei um encontro para a próxima semana para a entrega dos questionários.

Na próxima semana como o combinado, estive na escola e na casa dos pais para pegar os questionários, fui muito bem recebida por todos. Após a coleta de todos os questionários, começamos o trabalho de análises as respostas dos entrevistados, tendo como o primeiro andamento a construção de um quadro de respostas, onde continha todas as perguntas e respostas dos entrevistados, um quadro para os diretores, um para os professores e por fim um para os pais, cujo modelo estará estão em apêndices.

Baseado nos quadros que organizamos, fizemos a construção de três (03) categorias A, B e C cada uma com um título, ali discutiremos os dados coletados.

5.4 Categorias

Minayo (1994), descreve as categoria como um conceito que abrange vários aspectos e características em comum, neste sentido trabalhar com categorias significa agrupar elementos, idéias, pensamentos, sentimentos ou expressões que se constituem na realidade em que vivem as pessoas, servindo para explicar, justificar e questionar essa realidade.

CATEGORIA A

Nesta categoria iremos discutirmos como estão os saberes docentes dos professores e diretores em relação à hiperatividade e o déficit. Os nomes aqui utilizados neste estudo são fictícios para preservar a identidade e a privacidade dos entrevistados. Apresentaremos aqui um diálogo triangular entre diretores, professores, pais e a pesquisadora, onde através da pesquisa de campo analisaremos como que estão estes saberes.

Os saberes necessários para educar crianças com Déficit de atenção e hiperatividade entre diretores, professores.

Para Aquino (2000), qualquer pessoa que esteja ligada ao campo educacional encara problemas que rondam o cenário escolar onde em qualquer que seja a escola tanto municipal, pública ou particular independentemente do nível de ensino, o principal obstáculo para o trabalho docente seria o “aluno - problema” que parecem tomar um assalto as salas de aula nos dias de hoje.

Nessa imagem-conceito vejamos que além do aluno-problema, obtivemos outro tipo de problema que se torna ao mesmo tempo conceitual e ético, que seria baseada na qualidade de profissionais da educação. O que deixamos que acontecesse a esta profissão a tal ponto de termos invertido certos preceitos mínimos de ética profissional, a ponto de tais alunos-problemas se tornarem um empecilho para o trabalho pedagógico, apresentamos ainda muitas barreiras em aceitar tais distúrbios de aprendizagem ou comportamento inadimplentes, quando por definição devíamos pensá-lo como alvo de nosso trabalho, pois por meio da ação do professor ele poderá transformar o aluno-problema em aluno chamando – o para a “vida”,

Conforme os parâmetros curriculares nacionais (1998), a educação física se propõe como principio a inclusão de todos os alunos integrando-os na cultura corporal do movimento para que os mesmos possam expressar seus sentimentos, afetos, emoções, autonomia e desenvolver uma consciência sobre a saúde e além disso desenvolver no coletivo a cooperação, socialização e a afirmação dos valores e princípios democráticos. E os conteúdos contemplados pelos parâmetros curriculares nacionais são os jogos, esportes, danças, lutas e ginástica.

Kunz (2001), aponta a educação física como um elemento positivo no desenvolvimento físico, mental e motor das crianças, pois ao ingressar na escola e nas aulas de educação física a criança começa a ter uma vivência tanto individual como no coletivo, passando por vivência e da vivência para a experiência, onde começa a concretizar sua personalidade e seus desejos, se inserindo no mundo social, cultural e lingüístico.

Diante do que foi exposto nos parágrafos acima, percebemos a importância da educação física na vida dessas crianças, por este motivo questionei os professores sobre a importância da Educação física nas escolas e para todas as crianças. Perante o que foi perguntado na questão um (01) do questionário apêndice B (p. 70) tivemos como resposta dos professores de educação física que:

“De maneira generalizada melhora a parte cognitiva, física, desenvolve habilidades corporais, a saúde e a qualidade de vida”.

(João)

“Proporciona um melhor desenvolvimento motor e norteia para uma melhor qualidade de vida”. *(Mária)*

“Além da saúde física, ajuda no relacionamento, auto-estima, bem estar. Tem um benefício muito grande principalmente no desenvolvimento da criança em iniciação escolar”. *(Valentina)*

“saúde, socialização, disposição, bem estar, qualidade de vida, lazer entre outros”. *(Jorge)*

“através dos jogos as crianças aprendem a resolver problemas que auxiliarão na resolução de dificuldades em outras situações. Desenvolver a criatividade, respeitar através das regras”. *(Margarida)*

Perante estes depoimentos relatados pelos professores de educação física percebemos que teoricamente eles percebem a importância da educação física para com estas crianças das series iniciais do ensino fundamental.

Como nosso foco nesta categoria é baseado no saber docente dos diretores e professores de educação física em relação ao déficit de atenção e a hiperatividade questionamos os professores sobre este desvio comportamental muito impulsivo e

desatento durante as aulas. Pensamos que todo professor deveria ter certa base de conhecimento durante sua graduação para que seja necessário um entendimento melhor de tipos de comportamento no âmbito escolar. Perante os pontos que citamos acima, observamos então os saberes docentes dos professores de educação física.

Questionamos então na questão de número dois (02) do apêndice B (p.69), se eles obtiveram alguma formação na sua graduação sobre a hiperatividade e o déficit, tivemos então como resposta:

“Conhecemos um pouco dos transtornos, mas muito superficialmente, nunca com procedimentos ou atividades a serem tomadas em relação a nossa prática”. (João)

“Sim. Nas aulas da professora Neiva”. (María)

“Não”. (Valentina)

“Obtive conhecimento mais muito pouco”. (Jorge)

“Pouquíssimo. Conhecimento. Foi dada maior ênfase a deficiência física, como trabalhar com crianças de vários tipos de deficiência física (cegos, surdos, deficiência de uma perna, de um braço, cadeirante, e outros)”. (Margarida)

Percebemos aí uma grande deficiência em relação aos saberes docentes sobre o déficit de atenção e a hiperatividade diante dos professores de educação física, percebeu-se também que diante dessas respostas, eles apontaram o quase desconhecimento sobre o estudo da hiperatividade e o déficit de atenção durante o tempo que estudaram na instituição, tendo somente um conhecimento muito superficialmente oferecido para com eles. Pensamos que foi durante os anos vividos e as experiências vivenciadas por cada um no âmbito escolar, que fez com que eles soubessem talvez identificar o déficit e a hiperatividade.

Sabe-se que vários estudos apontam o desconhecimento dos saberes docentes dos professores em relação no que se dizem respeito à identificação do déficit de atenção e hiperatividade nos alunos, o problema mais contundente

competem também ao despreparo das equipes educativas para lidar com crianças que possuam este desvio comportamental. Diante destes relatos perguntei então para os diretores qual é o conceito para eles de déficit de atenção e hiperatividade na questão de número um (01) do apêndice A (p.68), cujas respostas foram:

Diretores:

“É um transtorno neurológico que se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade”. (Pedrita)

“É um transtorno do desenvolvimento humano que se apresenta diferentemente dos outros comportamentos em algumas crianças por vários motivos. Esse comportamento pode afetar psicologicamente, fisicamente, socialmente e cognitivamente”. (Rosália)

“É a falta de concentração quando se tem mínima, em crianças que apresentam dificuldade para a concentração”. (Sophia)

Diante das respostas dos diretores, percebemos ali um conhecimento básico sobre este desvio comportamental, eles apontam a diferença de comportamento e desatenção como o principal aspecto para a identificação do déficit e da hiperatividade, e ainda ressaltam que estes comportamentos podem ocasionar grandes problemas na vida pessoal e emocional desses alunos quando não cuidado.

Perante o que foi questionado para os diretores, perguntamos também para os professores de educação física na questão de número três (03), apêndice B (p.70), se eles (os professores) já tiveram alunos com déficit de atenção e a hiperatividade, sendo que todos responderam que sim, diante desta confirmação, pedimos que cada professor descrevesse sobre suas facilidades ou dificuldades em identificar o déficit e a hiperatividade.

Professores de educação física:

“Em geral o diagnóstico já vem de um especialista. O que identificamos são comportamentos como a falta de concentração, dificuldades de aprendizagem, irritabilidade, agressividade, inatividade cognitiva, extrema atividade física, etc. Penso que muitas são conseqüências e não uma forma de diagnóstico especificamente”. (João)

“É fácil observar aquele aluno mais inquieto que sempre está conversando, brincando nas atividades”. (Maria)

“Facilidades. A criança não se concentra é inquieta principalmente em atividades como jogos educativos, Em sala de aula: jogos de raciocínio”. (Valentina)

“É difícil identificar, pois não é porque a criança apresente alguns sintomas desta síndrome que quer dizer que ela tenha o TDAH. Os sintomas devem ser apresentados em outros ambientes, e só saberemos disso em diálogo com os pais e outros professores”. (Jorge)

“Dificuldades em se concentra. Execução rápida dos exercícios motores, não obtendo um bom resultado. Dificuldades na socialização. Não sabe esperar sua vez. É impaciente, não consegue se controlar diante de certos fatos”. (Margarida)

Diante destas repostas, percebemos na fala da professora Maria onde ela ressalta que a identificação do déficit de atenção e a hiperatividade se da pela inquietude e conversa do aluno, observamos ali uma grande falha da educadora em relação à identificação. Já o professor Jorge, intervém de forma a nos falar do cuidado em identificar o déficit de atenção e a hiperatividade, lembrando e apontando alguns cuidados que devemos ter no momento da observação e ressalta: *“não é porque a criança apresente alguns sintomas desta síndrome que quer dizer que ela tenha o TDAH. Os sintomas devem ser apresentados em outros ambientes, e só saberemos disso em diálogo com os pais e outros professores”.* **(Jorge)**, diante desta fala percebemos também a forma de

dialogar com a família e com os outros professores num ato de interdisciplinar, em relação aos comportamentos do aluno, dentro e fora da escola.

Diante dos pontos de identificação propostos pelos professores acima, estes talvez não saibam lidar, interpretar ou administrar atitudes indisciplinadas ou não do aluno durante o espaço escolar, então questionamos estes professores sobre durante o decorrer do dia a dia em contato com os alunos na escola, nós professores nos deparamos com vários tipos de comportamentos que não fazem parte dos sintomas do déficit de atenção e hiperatividade. Se eles saberiam identificar durante as aulas a hiperatividade e o déficit de atenção, tivemos como resposta:

“Sim. As crianças gostam de estímulos diversos e precisam disso. É um processo natural. O problema se encontra quando, em todas as disciplinas e/ou atividades uma criança apresenta essa falta de concentração, inquietação, desvio de atenção, etc”. (João)

“Sim, pois aqui em nossa escola temos várias pessoas que observam o comportamento das crianças e adolescentes (professores, psicólogos, coordenadores etc)”. (Maria)

“A partir do momento em que ela se diferencia das outras crianças, não sabendo respeitar regras estabelecidas, tem dificuldades de relacionamento com os outros colegas”. (Valentina)

“No início tratamos todos como se não tivessem o TDAH. quando descobrimos que ele é portador da síndrome através do diálogo com os outros professores ou direção é que mudamos a forma de agir com eles”. (Jorge)

“A maior parte das vezes as crianças já vem de casa com seus limites, pois os pais não sabem dar as devidas orientações e é aqui na escola que detectamos esses problemas”. (Margarida)

Diante desses depoimentos de professores que convivem diariamente com estes alunos percebemos ali dificuldades de relacionamento do aluno com os outros colegas da turma, as dificuldades de respeitar as regras estabelecidas e a falta de

concentração, e quando não mediado pelo professor de maneira certa, isto poderá levar a uma grande discórdia entre a relação professor, aluno e a turma.

Para Aquino (2000), ele reconhece esta desavenças em relações escolares como “Crise da educação atual”, ou seja, ela se da na maioria das vezes por boa parte da população das crianças que ingressam nas escolas e não conseguem concluir de maneira satisfatória sua jornada escolar tendo como um “fracasso escolar”. Por meio do que foi ressaltado acima pelo autor faz-se necessário um estudo sobre as dificuldades de relações de convívio entre professor-aluno, assunto este que mostraremos na nossa próxima categoria B, onde ressaltaremos como subtítulo as dificuldades de se conviver com esse tipo de criança, e as relações entre pais e professores.

CATEGORIAS B

As dificuldades de conviver com crianças que possuem Déficit de atenção e hiperatividade, entre pais e professores.

Aquino (2000), aponta que durante a trajetória do professor em meio ao âmbito escolar é cabível que ele sempre venha se defronta com situações-limites do ponto de vista humano, codificadas nas “diferenças” contidas em alguns alunos, e essas situações certamente não são poucas, onde o trabalho pedagógico do professor rende-se, inevitavelmente, a perplexidade e á comoção.

Diante do que o autor, nos mostrou, estas diferenças estão ligadas no comportamento de cada aluno, onde não parece ser nada, mais é tudo durante o desenvolvimento das aulas, o déficit de atenção e a hiperatividade, vem como um desvio comportamental impulsivo e desatento, onde a atenção do aluno não consegue focalizar, em algo por muito tempo, sendo que só prestam atenção naquilo que realmente os interessam.

Segundo Mittler (2003), precisamos repensar na base inteira de relações entre família e escola, onde carecemos saber como e quando criar vínculos para promover a inclusão social e escolar auxiliando na aprendizagem da criança, e diminuindo no impacto negativo na vida dessas crianças. A criança com este desvio comportamental torna seu lar mais conturbado e estressado do que outros que não têm que conviver com essa dificuldade. Os pais, com freqüência, experimentam alto nível de stress, depressão e culpa.

Diante desses pontos destacados acima pela base teórica em relação aos comportamentos e as dificuldades de relacionamento entre família e as crianças, se fez necessário um estudo pela relação de convivência da família, para que se tenha um conhecimento da criança como num todo e não somente na escola. E observando a fala dos pais entrevistados, percebi a confirmação nas palavras deles quando destacavam as dificuldades de convivência. Questionamos na pergunta do apêndice C questão dois (02 p.73), para pais ou responsáveis se eles os pais tiveram dificuldades de relacionamento com seu filho e quais foram estas dificuldades encontradas por eles em relação ao comportamento do filho, então foram destacadas as seguintes falas:

“Sim. Em algumas situações se tornava teimoso e desafiador e exigente.”
(Pedro)

“Sim. muitas por sinal. Quando ele chegou aqui em casa falava muito alto, gritava, nunca esperava sua vez, gostaria de ter todas as coisas muito rápidas e só para ele, e era agressivo às vezes.” *(Marta)*

Diante do que se foi exposto pelos dois pais Pedro e Marta , percebemos a postura desafiadora e agressiva da criança quando queria algo para si mesma, não espera sua vez, e era todo “abafado” e tem a fala alterada, gerando as vezes os próprios conflitos. Em meio a minha conversa com a mãe Marta, perguntei se seu filho (a) era adotivo (a), pois percebia uma diferença entre eles, e ela me respondeu que sim aonde seu filho (a), chegou a casa deles já com uma personalidade quase formada, dificultando ainda mais o relacionamento familiar, *“ele gerava confusões e era extremamente agressivo (a) às vezes, porém hoje ele já mostra com uma postura bem mais calma e tranqüila é super amoroso (a) comigo e com o seu pai, aos poucos ele (a) se ajeita”*.

Percebemos também na fundamentação teórica quando Cypel (2003 p.13 e 14) aponta como um dos fatores principais do déficit de atenção e a hiperatividade eles são causados durante a gravidez, onde se a mãe tem uma gravidez agitada e não se cuida, ingerindo bebidas alcoólicas, se drogando etc., isto acaba tendo conseqüências severas para a criança.

Os pais precisam se sentir apoiado um no outro, sempre tendo as mesmas opiniões e intervenções corretas sobre a criança, contribuindo assim para a educação dela, devem ter atitudes de tolerância, paciência, compreensão e às vezes severo também, acreditando acima de tudo que o filho é capaz de realizar alguma coisa necessária.

Ter limites é uma construção gradual que se processa ao longo do tempo com a criança, isto não se constrói em dias ou meses isto chega à leva anos, onde através da intervenção dos pais e dos professores a criança tem oportunidades de evolui à medida que começa a ter certas responsabilidades, isto gera nas crianças a satisfação de se perceber útil, desenvolvendo então a confiança em si próprio, a autonomia, realizando então algumas atitudes corretas.

Já no espaço escolar a escola vem como base não somente para regras e normas de comportamento, mas também para contribuir e reforçar uma série de valores decorrentes de uma sociedade convencional.

Mitller (2003) descreve que qualquer escola necessita da sua própria política de relação casa-escola, do qual fica implícito diante os pais esta relação, isto deverá ir além de palavras bonitas para incluir propostas concretas a fim de alcançar melhores relações de trabalho com os pais e com a comunidade local.

Diante deste fato apontado por Mitller (2003), os pais na questão quatro (04) do questionário apontaram ter sim relação com a escola e que essas relações aconteciam de forma:

“Sim procuramos juntamente com a professora saber do comportamento diário em sala de aula e no colégio.” (Pedro)

“Sim. Sempre procuramos estar por perto para acompanhar ele na escola, estamos sempre em contato com a professora para saber suas dificuldades também. De vez enquanto procuramos ir ao recreio para ver como se comporta.” (Marta)

Com isto percebemos a preocupação dos pais em estar sempre a par das necessidades do seu filho, procurando sempre estar presente na escola, em uma conversa com os pais perguntei se as professoras tinham uma boa relação com a criança e os dois disseram que sim quase todas.

Aquino (2000), busca a forma de muitos profissionais atuarem no âmbito escolar do qual não conseguem se revelar durante um ato indisciplinado das crianças durante as aulas, não sabendo intervir de maneira certa. Este aluno-problema como já citamos acima acabam se tornando duas fases de uma mesma moeda no âmbito escolar onde se tornam grandes obstáculos para o trabalho docente. Professores estão amarrados a certo pensamento onde se destacam somente os alunos que tenham um ótimo desenvolvimento de aprendizagem. A criança que possui Déficit de Atenção e Hiperatividade tem seu desenvolvimento de aprendizagem vagaroso, e quando o professor não entende este processo isto gera uma serie de dificuldades entre professor x aluno, por este motivo os alunos ouvem ou vêem no rosto do educador o tédio e a impaciência, gerando no aluno sentimentos de inutilidade e a consequência de exclusão do espaço escolar.

Diante destes fatos a entrevista que foi realizada para cada professor de educação física pedi na questão de numero cinco (05) da apêndice B (p. 71), que eles destacassem e descrevessem os pontos negativos e positivos da sua relação com os alunos que possuem déficit e hiperatividade, onde as respostas foram:

“Positivos: relação de reciprocidade (entendimento comum a partir do diálogo), controle dos impulsos; esforço para o bem desenvolver da aula”. (João)

“Normal tento tratar ele como se fosse igual às outras crianças: Positivos: sempre disposto e incentivador; Negativos: não pode perder e agressivo”. (María)

“Relação amigável. Pontos negativos: atrapalha os outros colegas e prejudica o andamento das aulas.” (Valentina)

“O aluno com hiperatividade me relaciono normalmente como os outros, já o com desatenção tento sempre motivá-lo e tento fazer com que os colegas entendam o seu problema e não fiquem pressionando ele quando estiver praticando a atividade.” (Jorge)

Perante as respostas elaboradas pelos educadores de educação física, percebemos que eles têm uma relação amigável com todos os alunos durante suas aulas e que quase todos tratam estas crianças como os outros da turma, portanto

cada um com suas indiferenças, um consegue aprender mais rápido que o outro, um vai correr mais que o outro, um vai sempre querer se destaca mais que o outro e assim segue a aprendizagem de cada aluno, nenhum dos alunos tem o mesmo tempo aprender, cada um tem o seu tempo e o seu desenvolvimento na hora certa.

Percebemos também que um dos educadores destacou a “*relação de reciprocidade (entendimento comum a partir do diálogo), controle dos impulsos; esforço para o bem desenvolver da aula*”. (João)

Com isso entendemos que o diálogo deverá sempre estar presente nas aulas de educação física e que através dele que o aluno poderá então ter um melhor autocontrole de si mesmo, dos seus impulsos e agressões tanto fisicamente como verbalmente durante as aulas refletindo então uma boa relação entre ele e com os colegas da turma.

Isto se faz muito presente na quadra no momento em que estamos dando nossas aulas e percebemos a maneira com que cada aluno se porta diante das perdas e ganhos o choque de pensamentos, agilidades, emoções, culturas, criações de movimentos e valores se chocam todos em um só lugar.

Para Freire (1996), os saberes docentes deverão ser constituídos na base da transformação de um indivíduo mais pensante em seus atos e preparando assim o indivíduo para uma sociedade mais crítica, criando situações problematizadoras para que o aluno saiba interpretar para o problema elaborando então a solução.

Podemos tornar o aluno-problema como uma ocasião privilegiada para que a ação docente se afirme e que possa alcançar a almejada excelência profissional. O que fazer então para que se diminuísse no espaço escolar a indisciplina?

É o que falaremos nessa próxima categoria C, os desafios propostos pelos professores para que o aluno se torne consciente de seus atos diminuindo assim a indisciplina, quais as atividades escolhidas pelos professores.

CATEGORIA C

Os métodos utilizados pelos professores de Educação Física para a diminuição da indisciplina e a inclusão do aluno no espaço escolar.

Aquino (2000), aponta que a escola não é só um lugar que acolhe as diferenças humanas e sociais encarnadas na desigualdade da clientela, mais sim cria um conceito a partir de novas diferenças acerca de um mundo já conhecido. A

educação pode ser uma viagem tanto imaginária, quando intelectual, onde é evidente que ela sempre comece por um ponto de partida, ou seja, não se tem educação se não houver um “levanta-te e vai”, de modo que implica às vezes em abandonar certos hábitos e atitudes, pois todo aprendizado acontece com uma mistura de um eu com ele, dele com os outros.

Desta forma é necessário ressaltar a importância da coletividade nas aulas de educação física, pois isto provoca o aluno a ter atitudes de cooperação e socialização com os outros alunos, tirando-os de um mundo individualista e egoísta, tendo uma educação mais inclusiva, que esta cobre, variadas tentativas de atender à diversidade total das necessidades educacionais dos alunos no âmbito escolar.

Como ressaltamos na nossa base teórica (p. 30), a inclusão escolar de todos os alunos, acontece de forma lenta e muito desafiadora, de maneira a provocar neles os sentimentos de fraternidade, solidariedade e amor ao próximo. Nós professores já possuímos um determinado conhecimento e algumas habilidades necessárias para atuarmos e ensinarmos de forma inclusiva, o que nos falta é confiança e confiabilidade em nosso próprio trabalho com o objetivo de melhorar o desenvolvimento do aluno inclusivo.

A educação física é de extrema importância no desenvolvimento cognitivo, físico, e motor das crianças, tendo como prática pedagógica para o desenvolvimento destas determinadas áreas atividades corporais como: jogo, esporte, ginástica dança e lutas, áreas estas se configuram como cultura e expressão corporal como uma linguagem.

A partir do que foi exposto acima, questionamos os professores na questão número sete (07) da apêndice B (p.71), sobre os comportamentos dos alunos se durante as aulas de educação física, tendo como respostas:

“Tem atividades próprias para o seu mundo exclusivamente: não importa o que você peça, talvez ele tenha uma resposta totalmente diferente da solicitada, mas obedecendo a sua questão interna”. (João)

“Normal, pois trato com rigor a todos, gosto de respeito e peço com que se respeitem”. (Mária)

Não respondeu. (Valentina)

“Desatento: sempre se esquivava das atividades”. (Jorge)

“Fazer o exercício além do pedido, sai do lugar para aborrecer as outras crianças, esta cuidando de tudo a sua volta e faz questão de dizer as coisas negativas dos outros”. (Margarida)

Diante das respostas organizadas pelos determinados professores, percebemos comportamentos como, negatividade, desatenção, e quase sempre eles se esquivam de algumas atividades proposta pelo professor (a). Estes tipos de comportamentos podem ser revelados pelo aluno através de sentimentos de vergonha ou medo, talvez por não saberem dominar a atividade como os outros alunos.

Para Aquino (1996) os sentimentos de vergonha e medo se dão através do ser julgado negativamente pelos outros. Talvez por este motivo tais alunos apresentam vergonha ou medo de se expor em algumas atividades, pois ficariam inseguros diante do pensamento e julgamento dos outros alunos e também do próprio professor (a).

Perante esses tipos de comportamentos questionamos os professores na questão número dezessete (17) do apêndice B (p.72), sobre quais atividades seriam realizadas pelo professor, para que esta venha a favorecer na concentração e no desenvolvimento dessas crianças, tivemos como respostas:

“Especificamente, a “escalada” é a que mais houve entendimento, há desafio, superação, um risco (pequeno e calculado), mas que os fazem se aventurar com um grau de atenção um pouco maior”. (João)

“Trabalho com estafetas e as modalidades esportivas”. (María)

“Jogos de raciocínio, jogos de concentração (escravos de Jô), jogos de encaixe, montar”. (Valentina)

“Jogos cooperativos e de curta duração”. (Jorge)

“Atividades calmas e moderadas para que o professor possa ter maior controle sobre suas atitudes. Repetição das atividades onde o aluno teve mais dificuldade”. (Margarida)

Percebemos então aqui nesta questão a diferença do ponto de vista de cada professor uns pensam que atividades que exijam um grande desempenho motor acabam influenciando mais na vivência do aluno, outros já pensam que as atividades que exijam esforço mental está irá influenciar melhor na vida do aluno para que ele tenha e aprenda a ter mais concentração.

Pensamos também que como professores de educação física, devemos não somente provocar nesses alunos a concentração, mais sim eles necessitam de um conjunto de capacidades que precisam ser provocadas como consciências de atitudes tanto no individual quanto no coletivo, compreensão, respeito, reciprocidade, solidariedade e autonomia. Despertando essas capacidades no aluno automaticamente iremos despertar neles a ação de se auto determinar perante as situações ocorridas em meio ao dia a dia, com os outros.

Diante do que está sendo exposto pela categoria C, percebemos o envolvimento da pesquisa diante de comportamentos e atividades para com estes alunos. Primeiramente tivemos conhecimentos das atitudes apresentadas por estes alunos, posteriormente quais as atividades que estimula a aprendizagem de cada aluno e por fim tivemos como pergunta da questão numero 18 (dezoito) do questionário apêndice B (p.72), quais atividades que ele (o aluno) se relaciona melhor com os amigos? E se o professor percebia a inclusão dessas crianças? Tivemos como resposta dos professores:

“No futebol e no frisbee. Há uma grande interação nessas modalidades. Nas atividades de corrida também”. (João)

“Modalidades esportivas. Sim todos parecem conhecer o que acontece com a criança e o ignorem na agressividade”. (Maria)

“Durante as atividades em grupo (jogos cooperativos). Não existe exclusão entre alunos e nas aulas”. (Valentina)

“Hiperativo: apesar das confusões não tem outros problemas em relação a pratica das atividades. Desatento: por a aula de Ed. Física ser competitiva em sua maioria, ele é sempre excluído do grupo”. (Jorge)

“Atividades que ele gosta e domina melhor. Nas brincadeiras de competição, às vezes é criticado e não bem vindo ao grupo”. (Margarida)

Percebemos aí nestas respostas, que há uma grande exclusão desses alunos por parte dos colegas e não uma inclusão, pelo motivo de sempre, a agressividade dos alunos hiperativos e pela falta de atenção de dos que possuem déficit de aprendizagem. E diante destes relatos penso que: de que forma e até que ponto nós professores de educação física, podemos intervir de modo nas relações necessárias entre moralidade e indisciplina no espaço escolar? Será que estamos intervindo de maneira a provocar nos alunos o respeito pelas fases de desenvolvimento de cada um?

Entendemos que o processo de inclusão é um processo com bastantes desafios, abstrato, lento e muito sofrido, porém sabemos também que é possível tornar esta realidade diferente, é possível reverter este fracasso no espaço escolar é possível remover barreiras para que haja um ensino adequado com a participação de todos os alunos, sem distinção de raça, religião, cultura ou deficiência.

Como vimos na nossa base teórica (p. 30), o alvo principal para a exclusão nas escolas, são crianças que crescem em famílias com condições socialmente e economicamente desfavoráveis, estas crianças fracassam na escola com freqüência, não conseguem atingir a sua media ou não desenvolvem próximo ou junto às outras crianças, se tornando alvo de grandes “chacotas”, sendo muitas vezes escrava do medo e da vergonha diante aos colegas e os professores (a) e até dos pais, tendo conseqüências gravíssimas para o seu futuro.

Começam então as incoerências e problemas, alguns culpam os pais por não serem mais severos ou persistentes ao ensino do filho na escola sendo presente ou vivenciando sua vida escolar, alguns já culpam as próprias crianças pelo seu fracasso ou descontentamento pelo estudo, outros culpam a direção pelo desinteresse em ajuda e por terem uma baixa expectativa quanto ao aproveitamento dos alunos, outros culpam os professores pela falta de conhecimento e interesse em auxiliar este aluno com atividades diferenciadas que alcançasse seu limite de desenvolvimento para que possam aprender. Culpamos até o governo por não gastar dinheiro suficiente com as crianças ou de gastá-lo de maneira errada. Quem é o culpado, não sabemos, compete-nos neste momento agora, é procurar uma forma correta de intervir nesta realidade escolar.

Temos como compromisso com a educação dos nossos alunos, despertá-los para a “vida” de modo que eles consigam compreender, as necessidades de ser um cidadão mais justo e solidário, motivando-os para a mudança. É através da vivência

e da experiência proporcionada por nós professores, que o aluno poderá aprender a se auto conhecer, diante uma sociedade que esta sempre em transformação.

Para terminarmos nosso trabalho de categoria, perante estes fatos todos que analisamos, questionamos os professores de educação física na questão de número dezenove (19), do apêndice B (p.72), sobre o que é ser criança e qual é a satisfação ou insatisfação deles em estar trabalhando com crianças. Tivemos como resposta:

“A satisfação é “imensa. A criança é uma fonte natural de vida! ela ensina muito a todos nós. Ela nos cobra uma serie de estímulos de maneira justa! (às vezes cruel, porem justa). Oportunizar a elas os conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento é mediar a interação delas com os outros, nos faz sentir bem. O profissional de Ed. Física deve estimular e oportunizar a elas desafios constantes para que elas consigam desenvolver suas capacidades e habilidades e competências frente aos desafios da vida. Seja individualmente ou socialmente”. (João)

“É muito bom trabalhar com crianças em um espaço que você é bem acolhido, com carinho e o respeito deles. Um dom de deus que esta pronta para receber informações para o seu desenvolvimento”. (Mária)

“Considero-me uma pessoa realizada no meu trabalho, pois é bem gratificante conviver com as crianças acompanhar seu desenvolvimento físico, mental e principalmente saber que o meu trabalho contribuí muito. Criança - ser especial, alegre, estar sempre em movimento, pureza, inocência. Precisamos saber moldar para termos um adulto íntegro e feliz!” (Valentina)

“É muito bom trabalhar com as crianças, pois é nesta fase que o homem adquiriu as bases de sua personalidade, e é muito gratificante saber da grande importância que nós temos pro futuro desses homens”. (Jorge)

“É tudo de bom, são maravilhosos, nos ensinam muitas coisas, que utilizamos na nossa pratica de ensinar e aprender. Todos os dias nos

surpreendemos com os progressos que elas fazem. A insatisfação ocorre quando não temos o local, material ou espaços adequados para que elas possam desenvolver suas habilidades e capacidades motoras. Outra questão é a indisciplina por parte de alguns alunos que são um desafio muito difícil de contornar, visto muitas vezes não tendo apoio da família, outras vezes a própria família, outras vezes a própria família não tem condições morais de educar dentro da mora e dos bons costumes. Criança é um ser maravilhoso nós temos com sua alegria contagia a todos que estão à sua volta. Te o dom de Deus de encantar com suas travessuras inocentes. É surpreender com suas perguntas, respostas e sua fala”. (Margarida)

Diante dessas respostas percebemos a satisfação dos professores em estar atuando com crianças onde são extremamente justas e carinhosas, porem temos que ter certos cuidados em relação à concretização da personalidade destas crianças, pois é nesta face que elas começam a concretizar seus pensamentos e desejos. Percebemos que a escola exerce um papel fundamental na educação de cada aluno, ensinamentos que antes eram obtidos em casa com a participação dos pais agora foram repassados para a escola. Professores citaram em sua resposta acima sobre a concretização da personalidade destas crianças, onde temos um dever de concretiza esta personalidade de uma maneira mais justa e solidaria para que elas crianças não passem por conseqüências no futuro, um descontentamento com os estudos agora quando criança terá grandes conseqüências na juventude criando vários conflitos e constrangimentos.

Santo Aníbal Maria de Francia (2001) falava que o educador é o espelho sobre o qual se modelam as crianças, do seu comportamento e de suas atitudes dependem o comportamento dos educando.

6 CONCLUSÃO

Após um caminho intenso de dedicação e estudo sobre esta determinada pesquisa, podemos verificar que, a escola transporta uma responsabilidade grande de torna os alunos cada vez mais humanos. Percebemos também que a escola é um espaço repleto de individualidades, diferenças, valores, criações, produções, e reproduções de culturas trazidas por cada aluno, o ambiente escolar é o tempo/espaço de grandes encontros, tensões, conflitos e preconceitos.

Perante esta mistura de sentimentos, eles passam a existir nas aulas de educação física como se fosse uma bomba atômica a ponto de explodir a qualquer momento, nas quadras ou em qualquer outro espaço escolar, quando os alunos se deparam com determinadas situações diante de regras, limites e convivência com outros colegas, surgindo então o conflito e a indisciplina.

O estudo analisou diante das pesquisas de campo que durante as aulas de educação física, estes alunos com TDAH apresentaram dificuldades de relacionamento, agressividade, impulsividade, onde através destes pontos eles se tornam alvos de grande exclusão diante a turma, talvez por estes alunos não saberem/aprenderem a lidar com sua impulsividade, causando seus próprios conflitos, tanto em casa como no âmbito escolar. Mostrando e despertando assim uma grande desmotivação pelo estudo quando criança, isto logicamente será uma conseqüência que ira repercutir na sua juventude.

A direção da escola apresenta como único suporte para estes casos a orientação pedagógica para estes alunos e o auxílio para os pais, caso estes alunos não correspondem aos ensinamentos propostos pela professora ou criem conflitos na escola. Percebi uma necessidade de envolvimento de todas as disciplinas em estar atenta ao desenvolvimento do aluno em relação com a turma

Por meio do movimento expressado pelas práticas corporais, os alunos retratam o mundo em que vivem seus valores culturais, sentimentos, preconceitos, “escrevem” nesse mesmo mundo suas marcas culturais, construindo assim sua identidade. Para desenvolver uma reflexão coerente o professor precisa se ajustar ao conhecimento científico para então confrontá-lo com os saberes que o aluno traz de seu cotidiano, tendo como eixo a constatação, interpretação, compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória, tendo como desafio para o professor buscar entender esses alunos/as, tentando controlar e conceituar os mais

diferentes padrões de alunos, percebendo-os como sujeitos que se constituem a partir de uma trajetória histórica.

Diante do estudo realizado percebemos que os professores não possuem certo conhecimento sobre os alunos que apresentam um déficit de atenção/aprendizagem e hiperatividade, tendo às vezes dificuldades de identificar esse desvio comportamental na escola, ocasionando outros problemas para a convivência do aluno com os outros colegas da turma.

Estudos também apontaram a persistência e agressividade dessas crianças em casa para com os pais em alguns momentos, criando conflitos e desavenças entre eles, a forma com que os pais se posicionavam diante dessas atitudes era o diálogo com o filho tendo contato com a escola quase que diariamente para ver o comportamento do filho.

Pelo que podemos analisar na pesquisa os professores apesar de não terem certos conhecimentos sobre o TDAH tentam fazer com que sua convivência seja amena com o aluno tentando não causar constrangimento para tal, tentando socializá-lo e integrar estes alunos com os da turma. Penso que além disso os professores deverão ensinar estes alunos a lidarem com seus estímulos e impulsividade, fazendo-os repensar em cada atitude tomada, penso também que atividades mais coletivas como o jogo e a dança sejam o foco para a aprendizagem destes alunos, para se ter mais cooperação, socialização e interação com a turma, fazendo-os pensar nas suas ações, o que faz desenvolver sua vontade e ao mesmo tempo torna-se consciente de suas decisões e escolhas, este método deveria ser adotado pelos professores para que não haja exclusão do aluno.

Com isto faz-se necessário enfatizar a continuidade do estudo para uma melhor compreensão, em outros focos no âmbito escolar, para assim obter resultados ainda mais satisfatórios relacionado com a pesquisa.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e os seus avessos**. São Paulo: 2 ed.: Summus, 2000

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2 ed. Porto Alegre. Magister, 1997.

CYPEL, Saul. **A criança com déficit de atenção e hiperatividade: Atualização para pais, professores e profissionais da saúde**. São Paulo: editora, 2003.

FRANCIA, Santo Aníbal Maria de Di. **Escritos Rogacionistas**. São Paulo. 2001.

FREIRE, Paulo e SHOR, Sara. **Medo e ousadia no cotidiano do professor**. São Paulo: editora, 1996.

FREIRE, João Batista. **Educação como prática corporal**. São Paulo: scipione, 2003.

GALLARDO, Jorge...[et al.]. **Didática de Educação física: a criança em movimento: Jogo, prazer e transformação**. São Paulo: FTD, 1998.

GOTAH. **Grupo de Orientação sobre o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade**. São Paulo: 2001.

KUNZ, Eleonor. **Educação Física: ensino de mudanças**. 2 Ed. - Ijuí: Unijuí Ed., 2001.

MATTOS, Mauro de. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em Educação Física: Construindo seu trabalho acadêmico: Monografia, artigo científico e projeto de ação**. São Paulo: Phorte, 2004.

MEZZARROBA, Orides; MONTEIRO, Claudia Servilha. **Manual de metodologia da pesquisa no direito**. 2 ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

MITTLER, Peter J. **Educação Inclusiva: contexto social**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PACHECO, José... [et al.]. **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROHDE, Luis Augusto P. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: o que é? Como ajudar?**: Luis Augusto P. Rohde; Edylleine B.P. Benczik: Porto Alegre: Artes Medicas Sul; 1999.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis, Vozes 1986.

APÊNDICE

APENDICE A

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

ACADÊMICA: *Franciele da Rosa Lidório*

QUESTIONARIO DE ENTREVISTA COM A DIRETORA

Prezado(a) Diretor(a);

A pesquisa para a qual você está sendo convidado (a) a participar tem como tema “Quais os Saberes Docentes Necessários aos Professores de Educação Física para trabalhar com alunos que possuem o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)” tendo como princípio um questionário com perguntas relacionadas ao seu sobre o TDAH.

1 - Para você qual é o conceito de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade?

2 - Qual é o suporte oferecido pela escola para com as professoras?

3 - Na escola já aconteceu de ter algum caso de TDAH , como que a equipe lidou com estes caso? Qual foi a relação que a escola teve com os pais?

APENDICE B

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA QUESTIONARIO COM OS PROFESSORES

Prezado Professor (a);

A pesquisa para a qual você está sendo convidado (a) a participar tem como tema “Quais os Saberes Docentes Necessários aos Professores de Educação Física para trabalhar com alunos que possuem o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)” tendo como principio um questionário com perguntas relacionadas à sua vida profissional, e o conhecimento sobre o TDAH.

1- Qual é a sua idade?

R: _____

2- Você é formado há quanto tempo? Qual é a instituição que possibilitou a sua graduação e pós-graduação?

R: _____

3- Há quanto tempo você atua em sala de aula como professor de Educação Física?

R: _____

4- Você é concursado ou ACT? Você trabalha pelo estado, município ou particular?

R: _____

5- Qual sua carga horária de trabalho pelo estado, município ou particular?

R: _____

Agora partiremos para a segunda parte da pesquisa, que será mais ampla e direcionada para o comportamento da criança, que possui um desvio comportamental, ou seja, o Déficit de Atenção e Hiperatividade.

1 - Para você professor o que a Educação Física trás como beneficio para nossas crianças, adolescentes e adultos nos dias de hoje?

R: _____

2 - Você como professor de educação física na sua formação acadêmica obteve algum conhecimento sobre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade? Justifique.

R: _____

3 - Você já teve algum aluno que apresentasse o diagnostico de transtorno de déficit de atenção ou hiperatividade?

() Sim () Não

Se sua resposta for **Sim** descreva sobre suas facilidades ou dificuldades em como identificar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade mais conhecido pela sigla TDAH. Se sua resposta for **Não** descreva o que você entende por Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e se você saberia identificar.

R: _____

4 - Na escola nos deparamos com vários tipos de comportamento que não fazem parte do diagnóstico do TDAH. Você no dia a dia de sala de aula saberá diferenciar um desvio comportamental entendendo que essa criança necessita de limites? Justifique.

R: _____

5 - Que tipo de relação você tem com esse aluno com desvio comportamental? Descreva os pontos positivos e negativos desta criança.

R: _____

6 - Este aluno tem problemas fora da escola ou no espaço escolar? Quais?

7 - Descreva como ele se comporta em suas aulas?

R: _____

8 - Tem dificuldade em aguardar a sua vez em jogos ou em situações de grupo?
() Sim () Não

9 - Tem dificuldades em seguir instruções? Antes de terminar um trabalho já passa para outro? () Sim () Não

10 - Têm dificuldades em manter a atenção em tarefas ou jogos que não lhe interessam? () Sim () Não

11 - Corre em demasia? () Sim () Não

12 - Está inquieto? () Sim () Não

13 - Tem dificuldades em brincar silenciosamente? () Sim () Não

14 - Não gosta de tarefas que exige esforço mental? () Sim () Não

15 - Apresenta esquecimento em atividades diárias? () Sim () Não

16 - É impulsiva, participa de atividades perigosas sem considerar as conseqüências? () Sim () Não

17 - Para estes tipos de comportamentos citados acima quais são as atividades que você acha necessária ou realiza em suas aulas de educação física para que venha favorecer na concentração e no desenvolvimento na desta(s) criança(s)?

18 – Quais atividades que ele se relaciona melhor com os amigos? Você percebe que acontece a inclusão durante sua aula? Justifique.

19- Para terminarmos o nosso questionário, gostaria que você professor de educação física descrevesse em poucas linhas um pouco da sua satisfação ou insatisfação em poder estar trabalhando com crianças. E qual a sua concepção sobre criança?

R: _____

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORACAO.

APENDICE C

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

ACADÊMICA: Franciele da Rosa Lidório

QUESTIONARIO DE ENTREVISTA COM OS PAIS

PARA PAIS/RESPONSÁVEIS

A pesquisa para a qual você está sendo convidado (a) a participar tem como tema “Quais os Saberes Docentes Necessários aos Professores de Educação Física para trabalhar com alunos que possuem o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)”. Caros pais, a sua colaboração será muito importante para a avaliação do comportamento de seu(a) filho(a). Obrigado pela colaboração

Parte I

1- Criança : Sexo: 1. Masculino 2. Feminino

2 – Faz uso diário de medicamento:

() Sim . () Não Nome do Medicamento: _____

3 – Nível de instrução do Pai:

1. Universitário () Completo () Incompleto

2. Ensino Médio () Completo () Incompleto

3. Ensino Fundamental final () Completo () Incompleto

4. Ensino fundamental inicial () Completo () Incompleto

5 Nunca freqüentou a escola ()

4 – Pai:

() Biológico () Adotivo . () Falecido . () Desconhecido

5 – Pai mora na mesma casa: () Sim () Não () Falecido

6 – Nível de instrução da mãe:

() Universitário () Completo () Incompleto

() Ensino Médio . () Completo . () Incompleto

() Ensino Fundamental . () Completo . () Incompleto. () Nunca freqüentou escola

7 – Mãe: () Biológica () Adotiva () Falecida

8 – Mãe mora na mesma casa:

() Sim () Não () Falecida

Atenção agora iniciará o questionário de perguntas abertas, onde vocês responderão mais detalhadamente sobre seu relacionamento com seu filho.

1-Como que vocês se relacionam em casa com seu filho? Vocês conseguem dar limitações ao seu filho? De que maneira conseguem realizar isto?

2- Vocês tiveram alguma dificuldade com ele em relação ao seu comportamento? Se tiverem dificuldades descreva quais?

3- Ao descobrirem que seu filho tinha déficit de atenção ou hiperatividade qual foi a maneira que vocês começaram a lidar com ele?

4- Vocês acompanham a vida diária de seu filho no colégio? Descreva como que é este acompanhamento, pai, aluno e professor?
